

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE – UNIARP  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**LUCIANA KARINA ELYAS MACHADO**

**EFEITOS NOCIVOS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS NA  
AUSÊNCIA DE LIMITES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA VISÃO NA  
TEORIA DOS ESQUEMAS**

**CAÇADOR  
2016**

**LUCIANA KARINA ELYAS MACHADO**

**EFEITOS NOCIVOS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS NA  
AUSÊNCIA DE LIMITES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA VISÃO NA  
TEORIA DOS ESQUEMAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção de título de Bacharel, do curso de Psicologia ministrado pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, sob orientação da professora Madaline F. Roveda.

**CAÇADOR  
2016**

**EFEITOS NOCIVOS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS NA  
AUSÊNCIA DE LIMITES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA VISÃO NA  
TEORIA DOS ESQUEMAS**

**LUCIANA KARINA ELYAS MACHADO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de avaliação  
pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

**Bacharel em Psicologia**

E aprovado na sua versão final em \_\_\_\_\_, atendendo às normas da  
legislação vigente da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe e Coordenação do  
Curso de Psicologia.

---

**Ana Cláudia Lawless**

**Coordenadora do Curso de Psicologia**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

(Presidente)

---

Membro

---

Membro

*Dedico este trabalho a Deus, que me concebe diariamente a vida para continuar buscando meus sonhos e nele encontro forças para nunca desistir;*

*A minha família que sempre estiveram ao meu lado, em especial ao meu esposo e filhos, que enfrentaram a distância física e se mantiveram fortes com palavras de incentivo me mantendo firme nesta jornada.*

*E aos meus amigos e colegas de batalha que lutaram ao meu lado para que nossos sonhos realizassem, sempre nos apoiando e incentivando mutuamente para alcançarmos nosso objetivo final.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, e por todas as oportunidades com as quais ele me contemplou, agradeço por ter me iluminado durante toda esta trajetória e com isso sempre que houveram dificuldades enfrentei-as com sabedoria e confiança.

Agradeço a minha família, que é o meu porto seguro, minha mãe Teresinha e meu pai Lourival Elyas que não estão aqui em forma física para dividir comigo esta alegria, ao meu esposo Robson Machado que acreditou e apostou em meu sonho e cuidou com todo carinho de nossos filhos, enquanto eu me dedicava aos estudos, aos meus filhos Rafael e Kamila que suportaram com equilíbrio a saudade e distância que nos separou durante algum tempo.

Também as minhas irmãs Carmem e Elisabeth que não deixaram que o desânimo e cansaço fossem sobressalentes a estima da realização de um sonho demonstrando que sempre é possível, ao restante da família que contribuíram de uma maneira ou de outra para que esse sonho se realizasse, obrigada por todo o amor, por todo o incentivo, pela educação e os valores da vida que a mim foi repassado.

Aos mestres que me acompanharam nesta caminhada e que muito mais do que professores foram amigos, companheiros. A professora Madaline Ficagna Roveda, minha orientadora, por ter aceitado este desafio junto a mim, que através do seu apoio e busca de conhecimento me conduziu para o desenvolvimento deste trabalho.

Em especial a profissional Debora G. Vieira Gonçalves minha terapeuta e professora, que me inspirou ainda mais para me tornar uma profissional ética e competente, que demonstrou confiança desenvolvendo meu potencial incentivando meu empenho na busca do meu crescimento.

Também agradeço aos meus amigos, por todo o apoio, aos colegas de jornada que com o decorrer do tempo foram se tornando ainda mais especiais, as minhas amigas, fanfarronas do núcleo, com as quais eu construí uma amizade através da faculdade e vou levar para o resto da minha vida.

A todos aqueles que de certa forma acreditaram ou contribuíram para a realização deste trabalho.

Se a vida às vezes dá uns dias de segundos cinza,  
E o tempo tic taca devagar  
Põe o teu melhor vestido, brilha teu sorriso,  
Vem pra cá, vem pra cá.

Se a vida muitas vezes só chuisca, só garoa,  
E tudo não parece funcionar  
Deixa esse problema a toa, pra  
Ficar na boa, vem pra cá.

Do lado de cá, a vista é bonita,  
A maré é boa de provar  
Do lado de cá, eu vivo tranquila,  
E o meu corpo dança sem parar,  
Do lado de cá, tem música, amigos e,  
Alguém para amar, do lado de cá.

(Chimarruts – Do Lado de Cá)

## RESUMO

O presente trabalho de estudo, traz uma síntese referente às práticas educativas parentais e os efeitos nocivos na ausência de limites no desenvolvimento infantil em uma visão da Terapia dos Esquemas. Neste estudo apresenta-se uma pesquisa a referenciais teóricos que busca a cerne da permissividade na educação infantil, provinda das práticas educativas parentais. Originando uma desordem emocional na criança em desenvolvimento, objetivando o repensar da postura parental nos efeitos nocivos no decorrer do tempo na vida cotidiana do sujeito e de quem os rodeiam. Como subsidio ao assunto, elucida-se a Terapia dos Esquemas que nos apresenta intervalos de tempo que iniciam na infância até a adolescência que necessitam serem preenchidas pelo ambiente, pais/cuidadores por demandas psicológicas saudáveis para desenvolvimento benéfico ao ser humano. A metodologia utilizada foi de estudo e pesquisa bibliográfica descritiva acerca de recursos já existentes no contexto atual. A utilização de leitura dos autores aqui citados permitiu uma compilação de dados mediante ao que se buscava, sendo feita uma análise e discussão do material pesquisado, auxiliando em reflexões mais aprofundadas em relação a variantes que envolvem a educação e desenvolvimento do ser humano, ocasionando com isso efeitos emocionais bem como de relacionamento em sua concepção. Deste modo, aponta-se, que se tornam essenciais limites e regras na educação e formação do ser humano, funcionando como norteadores para construção e desenvolvimento de seres psicologicamente saudáveis.

Palavras-chaves: Limites/regras, estilos parentais, efeitos nocivos, esquemas.

## **ABSTRACT**

The present study research brings a synthesis that refers to the parental educational practices and the harmful effects in the absence of limits on child development in a vision of the Schema Therapy. In this study, a research of theoretical references, which seeks the core of permissiveness in early childhood education stemmed from parenting practices, is presented. Originating an emotional disorder in child development, objectifying the rethinking of the parental posture in the harmful effects in the course of time in the daily life of the subject and of those who surround them. As a subsidy to the subject, the Schema Therapy is elucidated. It presents us intervals of time that begin in the childhood until the adolescence, which need to be filled by the environment, parents/caregivers and by healthy psychological demands for development beneficial to the human being. The chosen methodology was a study methodology and a descriptive bibliographic research about resources already existing in the current context. The use of the material from the authors mentioned here, allowed a compilation of data through what was sought, being an analysis and discussion of the material researched, assisting in further reflection on variants that involve the education and development of the human being, thus causing emotional effects as well as relationship in their conception. Therefore, the conclusion is that limits and rules become essential in the education and formation of the human being, acting as guides for the construction and development of psychologically healthy human beings.

**Keywords:** Limits/rules, parenting styles, harmful effects, schemes.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Relação entre os estilos parentais e responsividade e exigência. Maccoby e Martin apud Cassoni (2013, p. 31). .....	21
Figura 2 - Elementos constituintes dos esquemas iniciais. ....	41
Quadro 1 - Esquemas desadaptativos associados ao 1º Domínio .....	44
Quadro 2 - Esquemas desadaptativos associados ao 2º Domínio .....	46
Quadro 3 - Esquemas desadaptativos associados ao 3º Domínio .....	48
Quadro 4 - Esquemas desadaptativos associados ao 4º Domínio .....	55
Quadro 5 - Esquemas desadaptativos associados ao 5º Domínio .....	56

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Domínios esquemáticos, tarefas evolutivas e esquemas iniciais desadaptativos de cada domínio.....	43
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- DBT – Terapia Comportamental Dialética
- Des – Domínios Esquemáticos
- EIDs – Esquemas Iniciais Desadaptativos
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPY – Inventário Parental de Ioung
- NEET – Neither in employment, nor in education or training
- OIT – Organização Internacional do Trabalho
- PEs – Processos Esquemáticos
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
- TC – Terapia Cognitiva
- TCC – Terapia Cognitivo-Comportamental
- TE – Terapia dos Esquemas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 DESENVOLVIMENTO</b> .....	16
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	16
2.1.1 Estilos Parentais e suas Implicações na Ausência de Limites .....	17
2.1.1.1 Modelos educacionais .....	18
2.1.1.2 A importância das práticas educativas parentais .....	21
2.1.2 Efeitos Nocivos na Ausência de Limites e o Equilíbrio entre o Amor e Disciplina .....	23
2.1.2.1 Equilíbrio ente amor e disciplina .....	28
2.1.3 A visão da terapia dos esquemas na ausência de limites e regras na educação infantil .....	34
2.1.3.1 O Desenvolvimento da personalidade normal e patológica .....	38
2.1.3.2 Domínios esquemáticos e as tarefas evolutivas: primeiras experiências de vida .....	41
2.1.3.3 Domínio I: desconexão e rejeição .....	44
2.1.3.4 Domínio II: autonomia .....	45
2.1.3.5 Domínio III: limites prejudicados .....	47
2.1.3.5.1 Arrogos/grandiosidade .....	49
2.1.3.5.2 Autocontrole e autodisciplina insuficientes .....	51
2.1.3.6 Domínio IV: direcionamento para o outro .....	54
2.1.3.7 Domínio V: supervigilância e inibição .....	55
2.1.3.8 Esquemas desadaptativos .....	57
2.1.3.9 Os esquemas e sua biologia .....	62
2.1.3.10 O papel da família e dos cuidadores para terapia dos esquemas .....	65
2.2 METODOLOGIA .....	68
2.3 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS .....	70
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83

## 1 INTRODUÇÃO

Diversos pontos de vista que abrangem a visão do ser humano e seu entendimento no processo de desenvolvimento de construção/aprendizagem, causam um conteúdo polêmico para o assunto aqui apresentado, devido ao sujeito ser reconhecido em momentos como um ser natural, em outros como ser social e histórico.

Com o avanço inesperado das crianças deste século, onde mesmo com pouca idade cronológica, porém incrivelmente investigativos e conectados em tudo que ocorre a sua volta, desenvolvem habilidades e características prematuras de uma inteligência notável. Tornam-se crianças cada vez mais hábeis ao aprendizado e acabam por representar grande problema onde os pais se veem desesperados, e, todavia, despreparados com tamanha autonomia de seus rebentos perdendo muitas vezes o controle da prole.

Neste trabalho de pesquisa bibliográfica apresentamos como estudo a compreensão da organização das práticas educativas parentais e suas implicações na constituição do ser. A geração descendente do autoritarismo, aqui referenciados como *Boomers* (indulgentes), optam por refutar o sistema educacional de seus pais na educação de seus próprios filhos, na tentativa de proporcionar a eles o que nunca tiveram, os pais da segunda geração acabaram caindo ao oposto extremo da primeira, a permissividade.

Com isso, ocasionando implicações na falta de regras e limites por pais/cuidadores e familiares como obrigações emocionais básicas ao desenvolvimento emocional/cognitivo e construção da personalidade. Young; Klosko e Weishaar (2008) listam as necessidades emocionais como: vínculos seguros, segurança, aceitação, autonomia, liberdade de expressão, emoções validadas, espontaneidade, lazer, limites realistas e autocontrole como universais, todas as pessoas têm, embora algumas apresentem necessidades mais fortes do que as outras.

Sendo um indivíduo saudável aquele que satisfazem de maneira adaptativa essas necessidades emocionais fundamentais, e que, tais necessidades básicas não supridas de maneira adequada na infância podem determinar algumas características comportamentais, que podem ser adotadas pela criança como um

padrão de comportamento imposto à sua realidade ou experiência, guiando suas respostas ou mediando sua percepção.

Conceituando a construção humana e composição específica decorrentes dos limites estabelecidos dentro do contexto familiar por seus pais/cuidadores, com enfoque na Terapia dos Esquemas, uma ampliação da conhecida Terapia Cognitivo Comportamental, devido à terapia dos esquemas constituir-se basicamente nova, utilizamos fonte de referencial teórico para parte técnica seu fundador Jeffrey Young e colaboradores Wainer, Klosko e Weishaar.

Assim, cada qual deve assumir seu real papel diante um do outro, sem perder de vista valores essenciais na criação de seus filhos. De forma redundante, o conjunto de atividades dos familiares de uma criança são as movimentações de vivências posteriores. A ausência de carinho é uma *negligência*, porém permissividade também, o que acaba resultando em necessidades não atendidas na infância. Diante deste aspecto pergunta-se: Quais os efeitos gerados diante das práticas educativas parentais na permissividade na educação dos filhos?

Justifica-se este trabalho como oportuno devido à seriedade do tema na acuidade do estabelecimento de regras e limites por pais/cuidadores, sendo que a eles cabe à primeira instância da concepção dos pequenos na construção de sua identidade, abrangendo âmbito como indivíduo, familiar, social.

A pesquisa é de relevância científica, pois busca compilar dados significativos representando uma contribuição importante na construção do contexto da personalidade e do desenvolvimento humano, especificando uma linha de aspectos cruciais para o entendimento da personalidade normal e/ou patológica, bem como os efeitos das experiências continuadas com pais/cuidadores e figuras de afeto na infância integrando de maneira coerente e integrada do desenvolvimento de padrões comportamentais, emocionais, cognitivos e motivacionais dos indivíduos.

Descrevendo a estruturação da personalidade vista como um processo natural tendo suas fundamentações nas bases genéticas herdadas, definindo o temperamento e, assim, as tendências comportamentais, afetivas, cognitivas e motivacionais que sofreram os efeitos do ambiente por meio das aprendizagens constantes no transcorrer do ciclo vital (WAINER et al, 2016).

Ganhando espaço em âmbito acadêmico, por proporcionar conhecimento e incentivo a novos projetos, que possivelmente possam minimizar sofrimentos dos pais/cuidadores no desempenho do desenvolvimento infantil de seus filhos e

também na construção de indivíduos psicologicamente saudáveis. Podendo-se gerar ações preventivas diminuindo sintomas de crianças ansiosas, imediatistas, agitadas comportando-se com tamanha informalidade nas situações diárias e corriqueiras, que em diversas ocasiões não passam de um grito de socorro delas próprias por limites.

Constituindo uma maneira de apresentar à sociedade a retomada do fio da meada nas limitações tão importantes para ao desenvolvimento infantil, oferecendo informações de necessidades emocionais do sujeito em cada momento do seu desenvolvimento. Vários questionamentos nos levam a esse tema em busca do resgate da educação e retomada dos limites, desmitificando que quem ama tudo concede, trazendo a tona reflexão entre o equilíbrio de amar e a relevância de limites e regras para a criança em desenvolvimento devido à ausência de maturidade emocional e psicológica em discernir o certo e o errado.

O trabalho tem como objetivo geral apresentar os efeitos gerados diante das práticas educativas parentais na permissividade na educação dos filhos; para tanto, tornou-se importante especificamente contextualizar o que são práticas educativas parentais dentro de um contexto histórico distinguindo gerações e modelos de educação na essência da falta de limitações; Descrever os efeitos na ausência de limites e regras no desenvolvimento infantil podendo desenvolver esquemas desadaptativos do terceiro domínio e apontar fatores que possam auxiliar ao resgate do Equilíbrio entre o Amor e a Disciplina. Utilizando fundamentos históricos e filosóficos da Terapia dos Esquemas, para subsidiar a importância do assunto descrito.

Ademais, como ferramenta de coleta de dados, procedeu-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e descritivo, eis que a pesquisa qualitativa é uma das possibilidades de trabalho a ser feita com seres humanos e suas relações sociais em seus diversos aspectos. Por fim, analisar e discutir as informações teóricas obtidas por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como instrumentos de pesquisa: livros, artigos, revistas e internet, contendo informações previamente elaboradas e publicadas por outros autores, no que se refere às implicações no estabelecimento de regras e limites.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

A ideia central deste trabalho é proceder ao estudo dos efeitos nocivos gerados das práticas educativas parentais na ausência de limites no desenvolvimento infantil, uma vez que, considera-se que as consequências podem gerar ou acentuar implicações psíquicas e interferir na vida cotidiana ao longo de seu desenvolvimento.

São muitas as buscas por auxílio e esclarecimentos quanto à maneira de conter jovens incontroláveis, na falta de respeito e disciplina em diversos âmbitos sociais. E, não somente isto, pais/cuidadores e familiares desamparados, jovens e adultos ansiosos, indivíduos desmotivados, baixa resiliência sem preparação para enfrentar a jornada da vida.

Demonstra-se desta maneira, que não são poucos os efeitos causados pela falta de equilíbrio emocional em sujeitos expostos a cuidados com muita liberdade e autonomia, porém, baixo controle enquanto crianças. Contudo, apesar de vasto material literário referente ao assunto, não se percebe alterações comportamentais entre a dosagem de amor e a permissividade exacerbada decorrente de práticas educativas parentais.

Diante disto, a proposta inicial é apresentar os estilos parentais com seus modelos educacionais e sua significância no desenvolvimento infantil. Seguindo com os efeitos causados na ausência de limites e regras na construção e evolução do indivíduo. Bem como, a necessidade de encontrar o equilíbrio necessário entre o amor e a disciplina. Apresenta-se, a Terapia dos Esquemas na sequência com enfoque para subsidiar a importância da problemática apresentada, resultando como decorrência mais acentuada o desenvolvimento de esquemas desadaptativos.

Não se buscará extenuar toda a temática relacionada ao assunto aqui nomeado, posto que sejam utilizadas as breves informações de forma a permitir um exame no âmbito psicológico que é finalidade de estudo a ser desenvolvido, o que será abordado os capítulos que seguem.



### 2.1.1 Estilos Parentais e suas Implicações na Ausência de Limites

A infância, período onde as crianças necessitam de um conjunto de ensinamentos para guiar-se a um caminho saudável psicologicamente no futuro, o que formam atitudes perante seus filhos para educar, denominando-se estilos parentais ou práticas educativas parentais. Determinado pela união das condutas de disciplina e de apoio emocional na relação com os filhos (CARVALHO; SILVA, 2014).

Fazem-se necessários às práticas educativas parentais para o desenvolvimento social e emocional da criança (autonomia, habilidades sociais, problemas de comportamento, empatia, ansiedade). Porém, as diferenças de sucessivas gerações nos orientam em relação aos caminhos submergidos dos limites (TIBA, 2006).

Considerado como base fundamental a família tem grande importância no apoio ao indivíduo. Educação, acolhimento transmitidos pelos pais e cuidadores dentro dos estilos parentais, abrange um conjunto de atitudes relacionadas à disciplina, limites, regras à hierarquia e ao apoio em relação aos filhos entre pais e filhos (BENCHAYA et al apud CARVALHO; SILVA, 2014).

Os estilos parentais são divididos em quatro topologias: autoritativo, indulgente, autoritário e negligente. O estilo autoritativo caracteriza o estilo parental que tenta direcionar as atividades das crianças de maneira racional e orientada, incentivando o diálogo, exercendo firme seu papel de adulto, sem restringir a criança. Os pais autoritativos sabem manifestar afeto, apoio e, ao mesmo tempo, exigir, colocando limites. Os pais indulgentes são muito afetivos, poucos exigentes e não impõe a seus filhos regras e limites. Os autoritários são pais que exigem elevadamente de seus filhos, porém são pouco ou quase nada afetivos. Os pais negligentes apresentam pouco ou nada de interesse pelas atividades dos filhos, demonstram níveis baixo de responsividade e de demonstração de afeto e controle (BENCHAYA et al.; WEBER et al. Apud CARVALHO; SILVA, 2014).

De acordo com Engelmann apud Santos et al (2011), mesmo com algumas variações nas datas nomeadas por diferentes autores, considera-se que os veteranos (pais autoritários) são nascidos entre duas guerras mundiais; *Boomers* (pais Indulgentes) são nascidos entre 1948 e 1963; a geração X compreende

indivíduos nascidos entre 1964 e 1977; a geração Y aqueles que nasceram entre 1978 e 1994.

São percebidos como padrões dos pais conduzirem aspectos de poder e de apoio emocional na relação com os seus filhos, os estilos parentais. Apresentando impacto expressivo no decorrer da vida dos filhos, conforme apresentado diversos estudos a respeito do assunto. As práticas educativas parentais têm influencia direta no desenvolvimento humano (HUTZ et al apud CARVALHO; SILVA, 2014).

Com a globalização e a acelerada ocorrência de mudanças é fundamental conhecer como cada uma dessas gerações se formou numa construção de cenário mundial, identificando quais as influencias sócio históricas que as instituíram. Não proporcionamos comparações, devido a cada período ser respectiva a distintos aspectos da época, mas, concebe-las num processo de reconhecimento das diferenças, vivenciado pelas diversas gerações, favorecendo o entendimento de estilos próprios de modelos educativos (SANTOS et al, 2011).

No passado o limite era castrador, e o castigo, corporal. Mesmo que o pai estivesse sem fazer nada, os filhos não podiam se aproximar. “Não sobrecarregue seu pai com essas coisas”, dizia a defensora ferrenha dessa condição, a esposa. Muitos pedidos dirigidos ao pai não eram verdadeiramente necessidades, mas vontade de conviver com ele. Porém, com essa barreira, o pai tornava-se uma figura distante, ameaçadora e punitiva. Cabia-lhe a tarefa de dar castigo quando a criança desobedecesse à mãe. Como resultado, esse tipo de educação gerou nos filhos uma revolta íntima e formou dentro deles um grande desejo: “Quando me tornar pai, serei diferente: carinhoso, afetivo, aberto a conversas, amigo de meu filho” (TIBA, 2006, p. 69).

#### 2.1.1.1 Modelos educacionais

Especificando melhor os pais autoritativos estariam em um limiar funcional, pois, seu alto nível de responsividade agregados coma combinação de exigência na associação de limites e regras. Esse estilo de pais enfatizam consistentemente regras para o comportamento dos filhos, monitorando a conduta, gratificando atitudes positivas e corrigindo as negativas. De maneira indutiva é que aplicam a disciplina mantendo uma comunicação aberta e clara, baseando-se em respeito recíproco. Mantém uma expectativa alta em relação ao comportamento de seus

filhos em termos de maturidade e responsabilidade. Mantendo afeto na relação, responsivos as necessidades, proporcionam com isso oportunidades para o desenvolvimento de habilidade (BAUMRIND et al apud CASSONI, 2013).

Os pais que desenvolvem práticas como discussões calmas, pacíficas e outras abordagens indutivas em confrontos disciplinares, incutem em suas crianças um senso de respeito para perspectivas contrárias e uma crença de que as disputas podem ser resolvidas através de meios não aversivos (MONDIN, 2008, p.235).

Baixa responsividade com altos níveis de controle resultam de pais autoritários, os veteranos nascidos entre duas guerras mundiais. São autocráticos e muito rígidos. Estabelecem regras restritas com altos níveis de exigências, livre de qualquer participação da criança. A obediência é enfatizada através do respeito à autoridade e a ordem. A autonomia e o diálogo não são valorizados, não valorizando e até rejeitando os questionamentos e opiniões das crianças (BAUMRIND apud CASSONI, 2013).

O que seria mais valioso que a própria vida, alegava os pais autoritários (veteranos). Esse tipo de geração foi regido pela obediência e respeito e ponto final. Comumente repetiam, sem nenhum constrangimento, que os filhos lhes deviam tudo. Por essa e outras razões, como a falta de carinho, as gerações *Boomers* (indulgentes), mudaram o estilo de educar, decidindo nenhum retorno do que fizeram. Mas esperavam receber (ZAGURY, 2015).

Não havia preocupação que existe hoje com o que a criança *queria*, e sim com o que ela *devia* fazer. Entre o *querer* e o *dever*, prevalecia sempre o dever. E, nesse sentido, seus avós tinham muito sucesso. Até porque acreditaram muito mais na capacidade de aprender dos filhos do que as gerações que seguiram (ZAGURY, 2015, p. 97).

Já os pais indulgentes ou permissivos são características da geração *Boomers* a alta responsividade aliada com o baixo controle das crianças. Esses pais tiveram pouco ou nada de afeto, em contrario aos pais autoritários acabam com isso não estabelecendo regras e limites a seus filhos, colocando insuficientes demandas de responsabilidade e maturidade. Neste caso as próprias crianças que monitoram seu comportamento. São muito afetuosos, receptivos e comunicativos com seus

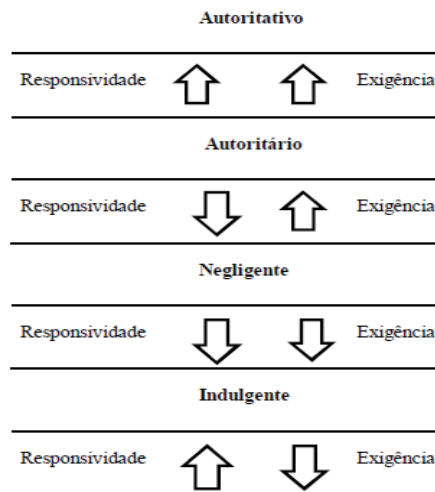
filhos, com inclinações a satisfazer a qualquer ação que a criança apresente (BAUMRIND apud CASSONI, 2013).

Zagury (2015, p. 62) acrescenta que esses pais colocaram abaixo as “imposições autoritárias”, que era como encaravam a forma de educar de seus pais; instauraram a confiança e a fé absoluta na relação dialógica, na comunicação falada, racional, que, acreditavam, iria eliminar a necessidade de os pais usarem sua autoridade de modo impositivo, assim como eliminaria a necessidade de qualquer tipo de castigo (físico ou não), substituindo-o pela racionalidade do diálogo, que geraria o entendimento. E propiciariam a seus filhos exatamente o que não tinham com seus pais: liberdade.

Acreditando estarem dando o melhor a seus filhos, os pais indulgentes (*Bomeers*) criaram algumas premissas em suas relações com seus filhos como lema: Vou estar sempre ao lado, meu filho; Autoridade e hierarquia, para quê?; Faça o que for melhor para você, querido; Autoestima baixa: Deus livre nossos filhos disso; Prova não prova nada, até os gênios tiravam notas baixas; Diferenças individuais tem que ser consideradas e por último mais não menos importante, desorganização é alma de artista (ZAGURY, 2015).

Cassoni (2013) também apresenta os pais negligentes que são resultados de uma combinação de falta de controle e responsividade. Pais negligentes não são nem exigentes nem afetuosos. Não monitoram o comportamento dos filhos, nem se envolvem com na tarefa de socialização das crianças. Respondem apenas a suas necessidades básicas, tem a manter os filhos a distância. Enquanto os pais indulgentes estão muito envolvidos com seus filhos, os pais negligentes estão frequentemente, centrados em seus próprios interesses.

Figura 1 - Relação entre os estilos parentais e responsividade e exigência



Fonte: (Maccoby; Martin apud Cassoni, 2013, p. 31).

#### 2.1.1.2 A importância das práticas educativas parentais

Lubi apud Mondin (2008) corrobora com a importância das práticas educativas parentais denominando os pais como construtores do núcleo familiar, incontestavelmente, atuante fonte de influência no desenvolvimento da criança, o que lhes impõe ampla responsabilidade. Os pais/cuidadores e familiares são considerados maiores reforçadores, fontes de afeto e também exemplos de aprendizagem para as crianças.

Os pais, na visão de Gottman; De Claire apud Mondin (2008, p. 237), que não impõe limites e tampouco procuram orientar o comportamento de suas crianças, resulta em que estas apresentam dificuldades para concentrar-se, em fazer amizades e em relacionar-se com seus pares.

Mediante a permissividade idealizando que permitindo que seus filhos façam o que desejam, desta forma se sentirão amados. As crianças necessitam de limites seguros, benéficos e plausíveis e acima de tudo a disposição e persistência dos pais/cuidadores e familiares em colocar essas regras e limites é o que transmite amor (HART apud Mondin, 2008).

Zagury (2015) apoia relatando que muitos pais com esse formato de educação permissiva, afirmam com extrema convicção: vou dar aos meus filhos tudo

o que não tive. Nada mais bonito, uma grande prova de carinho e dedicação. O que assusta, porém, na prática, esse tudo que não tiveram se transformam em permissividade desenfreada, crianças imediatamente atendidas, todos os desejos atendidos, no mais das vezes sem qualquer questionamento por parte dos pais.

Observamos atualmente muitos casos de adultos inseguros no processo educativo dos seus filhos, pois as famílias passaram a se organizar em função da criança e não dos adultos, passou a ocorrer na sociedade uma ansiedade maior no que diz respeito a que ideal de educação deve ser dispensado às crianças. Que tipo de conduta os pais devem ter nesse processo educativo que venha favorecer o desenvolvimento infantil, respeitando sua individualidade e autonomia, sem castrar sua liberdade, mas oferecendo os limites devidos para q esta criança desenvolva-se de maneira cognitiva, física, emocional e socialmente (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2012, p. 100).

Segundo Tiba (2006) essa última década ocorreu uma imensa mudança nas práticas educativas sociais: as crianças se mostram desenfreadamente autoritárias sobre seus pais/cuidadores, mesmo dependendo deles biopsicossocialmente. Mesmo os seres humanos não alterando-se em nada geneticamente, porém os padrões comportamentais familiares sofreram uma grande desorganização.

Em geral, as coisas que os pais têm que dizer para os filhos são justamente o oposto do que eles desejam fazer. Temos que dizer para nossos filhos levantarem quando eles, na verdade, estão loucos de sono e sem vontade de ir à escola; temos que evitar que comam doces e biscoitos o dia todo e tentamos impingir-lhes saudáveis refeições com fibras, proteínas e legumes, que eles na maioria das vezes detestam; temos que manda-los desligar a TV porque o filme é totalmente inadequado para eles, mas tão sublimemente interessante; temos que leva-los ao médico ou às compras, quando eles queriam ficar brincando no quarto ou no play, temos... ah, tanta coisa que temos... como é mais fácil dizer sim, deixar fazer tudo o que quiserem... e também muito mais agradável! Não tenho a menor dúvida. Sim, porque pensando desse ângulo, nossos filhos devem, com certeza, em muitos momentos (felizmente não em todos), nos achar CHATOS, MUITOS CHATOS. É duro saber que eles nos veem assim. Tão melhor ser “bonzinho”, o “legal”, o “chapa”... (ZAGURY, 2015, p. 56-57).

Acrescenta que em relação à disciplina, crianças e adolescentes pioraram bastante, não somente a obediência às regras familiares/escolares, mas também na sua qualidade de vida emocional, com autoestima pouco desenvolvida, mesmo saciados materialmente. Tudo que é material pode passar depressa, e os valores humanos progressivos e já consagrados, que deveriam permanecer, acabam por sofrer diluição (TIBA, 2006).

Faz-se necessário levar em consideração que a criança e mesmo o adolescente são hedonista por natureza, isto é, buscam abertamente o que lhe dão prazer, que satisfaz seus desejos curiosidades e necessidades. Sendo assim, dificilmente ela pensará, por si só, no outro, mesmo porque ela ainda não possui essa capacidade cognitiva nem maturidade. Toda criança é egocêntrica, sendo incapaz de pensar e sentir pelo outro. Os pais tem que, pouco a pouco, mostrar-lhes essa realidade (ZAGURY, 2015).

Filhos precisam de pais/cuidadores para ser educados; alunos, de professores para serem ensinados. Estes podem até serem amigos, porém não mais amigos do que pais; não mais amigos do que professores. Você, pai/cuidador ou professor, é o educador, e não pode-se esquivar da tarefa de apontar, na medida certa, os limites para que os jovens se desenvolvam bem e consigam situar-se no mundo (TIBA, 2006, p. 24-25).

É importante ressaltar que, um dos alicerces para consolidar a sociabilidade é a disciplina, uma base fundamental para formação e organização de todo e qualquer ser humano, como estrutura, família, grupo e sociedade. Lembrando que disciplina não é obediência cega às regras, como um adestramento, mas um aprendizado ético, para saber fazer o que deve ser feito, mesmo que não tenhamos ninguém nos observando. Aliada à ética, a disciplina gera confiança mútua nos indivíduos, um dos fortes componentes do amor saudável que traz progresso a humanidade (TIBA, 2006).

### 2.1.2 Efeitos Nocivos na Ausência de Limites e o Equilíbrio entre o Amor e Disciplina

Tiba (2006), em seu livro *Disciplina: limite na medida certa - novos paradigmas* o autor apresenta que ao conviver com outras pessoas, principalmente com os pais/cuidadores a criança aprende a comportar-se em sociedade. A imitação, experimentação e a invenção é um meio de aprendizado utilizado pela maioria das crianças. Se os pais permitem que os filhos, por menores que sejam, façam tudo o que desejam, não estão lhes ensinando noções de limites individuais e relacionais, nem lhes passando noções do que podem ou não fazer.

Limites são regras ou normas de conduta que devem ser passadas para as crianças desde a mais tenra idade, pois a imposição de limites é parte essencial da educação de uma criança, possibilitando melhor equilíbrio quanto ao seu desenvolvimento moral, psíquico, afetivo, cognitivo, organizando suas relações sociais. Ao colocar regras para as crianças as preparamos para vida real, onde nem tudo acontece do jeito e na hora que se quer, portanto, durante o processo de desenvolvimento é importante saber que a lei na criança é internalizada, pois ela nasce amoral por ainda não ter internalizado as regras e aos poucos se torna capaz de moralidade quando guarda para si as leis (COSTA apud CHISTÉ et al, 2012, p. 3).

Se a educação passada a crianças por pais/cuidadores for permissiva, acostumando seu filho a fazer somente o que tem vontade, se tudo o que ele deseja lhe foi sempre concedido, se ele não aprendeu a dividir os direitos e deveres, muito provavelmente isso o acompanhará na adolescência e vida adulta (ZAGURY, 2015).

A permissividade no desenvolvimento infantil não convence os filhos, pois, causa a impressão de que os pais não se importam com o que eles façam ou sejam. Desenvolvem falta de respeito pelos pais, falta-lhes força de caráter para tomar decisões morais necessárias na vida diária. Por isso, não devem acreditar que estão ajudando seus filhos ao permitir que façam o que lhes vier à cabeça (PELT, 1996).

Muitos pais são negligenciados impunemente pelos seus filhos. É considerado crime quando pais/cuidadores negligenciam filhos. E o contrário? Adolescentes enfrentam abertamente seus pais com o uso da maconha, alegando que todos fumam e que eles fumam porque querem, mas param quando quiserem (TIBA, 2006).

Recentemente, numa palestra, uma mãe fez a seguinte colocação: “Não sei mais o que fazer com minha filha. Ela só faz o que quer, não me obedece, me enfrenta, me ofende, me agride, não tem um pingão de educação comigo...” Perguntei-lhe qual a idade da filha. Ela prontamente me respondeu: “Dois anos”. Este é um enfático exemplo de como a mãe, que deveria deter o poder, esta sem nenhuma autonomia, e uma criança, sem poder, tem toda autoridade sobre a mãe (TIBA, 2006, p. 15).

Os pais/cuidadores sentem-se felizes em dar tudo o que podem a seus filhos, pensando assim, dessa maneira, que estão evitando frustrar os filhos. Principalmente pais/cuidadores com situação financeira mais confortável, acabam por atender praticamente todos os pedidos das crianças quanto a brinquedos, passeios, programas e lazer. Dessa maneira, essas crianças crescem achando que



aos dezoito anos, por exemplo, é extremamente natural ganhar um carro. Em verdade, alguns pais que, até mesmo antes disso, já permitem que seus filhos dirijam os seus carros, ou até lhes dão o próprio, mesmo contra a lei e sem carteira de habilitação (ZAGURY, 2015).

Nenhum recém-nascido tem a habilidade de escolher entre o bem e o mal ou o certo e errado, e, nenhuma criança desenvolverá essa habilidade por conta própria. Por isso, as normas devem ser ensinadas através de um processo longo e lento que deve se estender na adolescência. A criança é incapaz de controlar sua própria conduta, os pais devem guiar seus comportamentos (PELT, 1996).

Criamos um mundo artificial para as crianças, e pagamos um preço caríssimo. Produzimos sérias consequências no território da emoção, no anfiteatro dos pensamentos e no solo das memórias deles. Esperávamos que no século XXI os jovens fossem solidários, empreendedores e amassem a arte de pensar. Mas muitos vivem alienados, não pensam no futuro, não tem garra e projetos de vida (CURY, 2003, p. 12).

Apresentamos uma geração de jovens sem noção de padrões de comportamentos e limites, formando uma geração de príncipes e princesas com muitos direitos e quase nada de deveres, mais liberdade do que responsabilidades muito mais receberem do que dar e retribuírem. Tais príncipes domésticos querem ser também príncipes sociais, mas acabam frustrados, pois as regras da sociedade são outras, extremamente distantes das designadas pela família (TIBA, 2006).

Se os pais/cuidadores palmilham o chão que seu filho pisa com pétalas de flores, ele esperará que, pela vida afora, isso ocorra também com as pessoas que irão lhes rodear futuramente. Na escola, ser-lhe-á difícil aceitar, por exemplo, uma nota mais baixa, uma censura ou mesmo uma dificuldade conceitual em determinada disciplina. A vida, com certeza, nos reserva a todos muitos não. Cabe aos pais, ir aos poucos mostrando isso aos filhos, preparando-os para suportar as derrotas e as dificuldades com tranquilidade e espírito de luta, sem maiores problemas (ZAGURY, 2015).

A falta de limites pode provocar desgastes na relação familiar, excesso de punição, culpa nos pais e com tudo isso, sofrimento. Ademais, a birra na infância pode transformar-se, mais tarde, em agressividade, violência ou depressão (ZAGURY apud CHISTÉ et al, 2012, p. 4).

Os pais/cuidadores atualmente apresentam uma dinâmica onde realizam tudo o que seus filhos exigem, por temor em perder o amor dos filhos; acabam cedendo, mesmo negando o pedido de seus filhos, devido a tanta insistência alegando cansaço; baseados nas versões que seus filhos relatam os defendem cegamente contra tudo e todos; prometem castigos e/ou consequências, sem condições de cumprirem; engolem calados todos os sapos que os filhos preparam; são solícitos para compensar nos filhos seus próprios sentimentos de culpa por separações conjugais, viagens e até por estarem fora de casa, buscando sustento (TIBA, 2006).

Ainda vale ressaltar que se um dos pais contrariar sempre o seu cônjuge para estar a favor das crianças; usar ou agradar seus filhos para agredir o cônjuge; fazer pacto ativo (cumplice) ou passivo (conivente pelo silêncio) com as transgressões dos filhos sem o conhecimento do cônjuge; levar um copo de água toda vez que um filho, sentado em frente a televisão, pedir; recolher sempre toda a bagunça deixada pelo filho; tiver de reclamar aís que três vezes sobre as mesmas transgressões sem tomar nenhuma atitude consequente. Se tudo isso continuar ocorrendo teremos um caminho educacional para a tirania dos pequenos e a construção frágil da sua soberania (TIBA, 2006, p. 73-74).

Quando as regras e limites não são impostos no meio familiar por pais/cuidadores, está se negligenciando que o espaço familiar deve ser harmonicamente dividido, equilibrado. Também, não foi oferecida a criança, no dia a dia, o que é ser uma pessoa com direitos e deveres, não se colocou como figura de referência quando ele o interrompia a cada momento se você estava no banheiro, lendo ou falando ao telefone. Levantou a cada refeição para atendê-lo, interrompeu incontáveis conversas para lhes assistir uma nova gracinha, permitiu que ele riscasse seus livros prediletos, arranhasse seus DVD's, porque não teve forças ou não sabia se podia lhe dizer não nesses momentos. Agiu assim por achar estar sendo moderno, não autoritário. Agiu assim para não o frustrar. Para fazê-lo feliz (ZAGURY, 2015).

Filhos transgressores muitas vezes são resultados de pais/cuidadores insensatos, que impõe mudança de regras a escola para que seus filhos não sejam contrariados; pedem “um pontinho” na média das notas para que seus filhos não sejam reprovados; fazem lições ou trabalhos de aula que competem a seus filhos. Todas essas “ajudas” podem estar, na verdade, ajudando a não formar um cidadão conhecedor de suas responsabilidades e consequências de seus atos (TIBA, 2006).

Pais acabam lendo em jornais que os jovens se reúnem para fazer pegadas de carros ou motos, você se preocupa com a AIDS, mas não sabe se seu (sua) filho (a) já tem vida sexual ativa. Se tenta proibir alguma coisa, a reação é violenta. Sem maiores inibições, eles deixam escapar frases enfadonhas e intolerantes para com os pais, quando eles sugerem, exigem ou tentam conversar: “que saco!”, “pô”, “vai começar a enchecção!” (ZAGURY, 2015, p. 99).

Zagury (2015) acrescenta que os pais se desesperam. Essa situação conflituosa e delicada é vivenciada a cada dia por um número maior de pais. Será que era este o resultado que queríamos obter por conta de uma educação moderna e liberal? Tudo isso está intimamente ligada a todo o passado, à origem e a forma de convivência que se estabeleceu entre pai e filho desde a infância. Isso não quer dizer evidentemente que, se soubéssemos estabelecer regras e limites, que se houver algum tipo de controle, estaremos a salvo de todo e qualquer problema de relacionamento com nossos filhos. Obviamente que não. Mas, sem sombra de dúvida, uma boa parte deles será evitada. Pelo menos, respeito mútuo na relação estará preservado.

O excesso de proteção e permissividade influencia com que a criança se sinta rejeitada porque não constrói em si a maturidade de sociedade. A inibição ou a agressão fluirão automaticamente nesse indivíduo, devido, a seu lado emocional não ter sido fortalecida a suportar pequenos problemas. Pais/cuidadores e familiares amam profundamente seus filhos e se preocupam com eles, e até estariam dispostos a dar a vida por eles, mas, necessariamente as crianças não precisam saber disso a qualquer preço (PELT, 1996).

A Revista Claudia apresenta uma reportagem onde descreve que: Jovens “difíceis”. Famílias que oscilam entre o castigo e a omissão. Educadores que, sem conseguir dar aulas, culpam os pais. Quem já se sentiu no meio desta batalha? O Brasil é recordista no quesito tempo perdido em classe para combater a indisciplina, segundo a Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizado (Talis, na sigla em inglês), respondida por professores de 32 países. Em média, os educadores perdem 20% do período de aula com problemas desse tipo – o padrão internacional é 13%. Os números mostram, ainda, que a indisciplina existe em todas as faixas etárias, mas se acentua nos últimos anos de ensino fundamental, quando os alunos têm entre 11 e 14 anos (NICOLIELO, 2016, p. 165).

Ao lado disso, a busca por informações pertinentes ao assunto, por pais/cuidadores e familiares, nos remete ao primeiro passo em direção ao resgate

do controle da prole familiar. Sendo imprescindível a busca pelo comedimento entre o amor e a disciplina necessária.

#### 2.1.2.1 Equilíbrio ente amor e disciplina

De acordo com Weber; Salvador; Brandenburg apud Chisté et al (2012) diversas são as dificuldades e dúvidas encontradas pelos pais/cuidadores e familiares em educar estabelecendo regras e limites para seus filhos e manter uma interação saudável no núcleo familiar. Pesquisa na área da psicologia vem apresentando bons resultados quanto à importância dos pais/cuidadores e familiares não perder de vistas, valores firmes, porém, conseguirem adaptar-se a mudanças sociais com flexibilidade. Cabe aos pais/cuidadores e familiares à primeira instancia, apontando ações claras e efetivas para que seus filhos desenvolvam de modo mais acertado para a convivência em sociedade, tendo boas relações consigo e com os outros.

No afã de atender aos reclamos da moderna educação os pais perderam um pouquinho o rumo, e, sem querer, exageraram na dose, quiseram tanto acertar, que, por vezes, erraram. Sem perder a autoridade, sem deixar que os filhos cresçam sem limites e sem capacidade de compreender e enxergar o outro, habilidades básicas e essenciais para quem deseja criar cidadãos saudáveis, seres humanos dotados de capacidade de praticar humanismo com a mesma naturalidade que respiram (ZAGURY, 2014).

Quando falamos em disciplina a imagem em si é um ranço de autoritarismo, falta de diálogo e carinho, o que era comum nas gerações dos veteranos, as gerações anteriores. Os pais das crianças e adolescentes atualmente sentem certos mal estar diante dessa palavra, a ponto de praticamente a banirem da educação dos filhos (TIBA, 2006).

Ao nos depararmos com a expressão limites nos deparamos no que diz respeito à educação infantil, logo associamos a ideia de indisciplina, desobediência, imposição de normas e de controle aos impulsos infantis. Para La Taille apud Oliveira; Ribeiro (2012, p. 98) educar uma criança não é apenas impor-lhes limites, mas sim ajuda-la com isso, cognitivamente e

emocionalmente a ultrapassar esses limites, pois, se limite é mesmo limite, representa alguma linha que separa duas fronteiras distintas que precisa ser superada.

Responsabilidade se ensina e depois de aprendida tem que ser exigida. É no fazer que reside a responsabilidade, essencial a disciplina. Ao libertar-se do pesado fardo de serem únicos provedores do lar, os pais masculinos também estão mudando seu comportamento perante o filho. Ele não é mais autoritário. Respeita as próprias necessidades e passa a respeitar mais as dos filhos. Participar da vida dos filhos, serem companheiros também é fundamental para a disciplina, porém sem confundir com permissividade (TIBA, 2006).

Nicoliello (2016, p. 166) acrescenta ainda, que em casa os pais/cuidadores e familiares devem definir regras, não bancando o amigo. Ouça seus filhos, faça acordo onde é possível negociar, mas tenha clareza sobre o seu papel de estabelecer limites. Existem regras inegociáveis.

A geração *Baby Boomers* quis dar o melhor para as crianças e jovens. Sonharam sonhos grandes para eles. Procuraram dar os melhores brinquedos, roupas, passeios e escolas. Não permitiram que eles andassem na chuva, se machucassem nas ruas, se ferissem com brinquedos caseiros e vivessem dificuldades pelas quais passaram. A intenção não é ruim, só que não sabiam que as crianças necessitam na infância, inventar, correr riscos, frustrar-se ter tempo de encantar-se com a vida. Não imaginaram o quanto a criatividade, a felicidade, a ousadia e a segurança do adulto dependiam das matrizes da memória emocional da criança (CURY, 2003).

As crianças pequenas ainda não construíram um sistema próprio e estável de sentimentos, interesses, valores e reações sociais. É normal encontrarem dificuldades sociais provenientes de sua incapacidade de assumir perspectiva de outros e pensar além da superfície observável dos eventos... (VERGÉS; SANA apud OLIVEIRA; RIBEIRO, 2012, p. 99).

Zaguri (2014) em seu livro *Limites sem traumas: construindo cidadãos* diz ser tarefa primordial dos pais/cuidadores ajudar seus filhos lhes dando uma direção. Porque ao vir ao mundo, sabe o que é certo e errado. O ser humano ao nascer, não

tem maturidade suficiente. Portanto, cabe aos pais/cuidadores passar as novas gerações conceitos tão importantes ao seu desenvolvimento.

O momento certo, a “pista” para os pais dizerem “não” a determinados comportamentos, é exatamente aquele em que a criança, pela sua própria condição, demonstra não ver, não sentir, não perceber certas regras. Nós, no nosso papel de adultos, devemos, com paciência, determinação e uma grande capacidade de repetir a mesma coisa tantas vezes quantas forem necessárias, fazê-los começar a, paulatinamente, lembrar e perceber esse tipo de situação. Não é fácil? Certamente que não. É cansativo? Certamente que sim. Vale a pena? Com toda a certeza, SIM. VALE MUITO A PENA. Afinal, estamos agindo pela convicção daquilo que acreditamos, e por quem tanto amamos (ZAGURY, 2015, p. 67).

Os filhos sentem-se amados pelo interesse que os pais/cuidadores e familiares demonstram, mesmo não estando com eles o dia inteiro. E seguros quando os pais tomam atitudes repreensivas ou aprovativas, porque nelas encontram referências. Tal acompanhamento previne que, na adolescência, ocorram situações desagradáveis ou até graves, que só são descobertas quando se complicam (TIBA, 2006).

Pelt (1996) reforça a importância dos limites na construção do ser humano na infância e adolescência para edificação da identidade própria desse novo sujeito, que assim irão se conhecer melhor, identificando suas habilidades e estarão satisfeitos com suas vidas e seus trabalhos. Poderão correr riscos ao tentar fazer coisas novas e caso fracassem aceitam isso. Utilizando das experiências para não ocorrer novos fracassos melhorando-se cada dia. Os que desenvolvem respeito próprio não somente se sentem valiosos e seguros, mas também sabem que tem uma importante contribuição a fazer na vida. Sentem-se a vontade com eles próprios, e podem responder positivamente em sua relação com outras pessoas e nas diversas situações da vida.

É comum escutarmos que os limites são barreiras restritivas que impedem o desenvolvimento da criatividade nas crianças, associando criatividade ao ilimitado ou à ausência de regras. Entretanto, La Taille apud Oliveira; Ribeiro (2012, p. 99) nos mostra que os limites são necessários até no desenvolvimento das artes, música, dança, filosofia, ciências, entre tantas outras áreas, claramente associadas à criatividade. O exercício da liberdade é um fato, no entanto, todas elas possuem técnicas e métodos a serem seguidos e limites a serem respeitados.

Zagury (2015) relata que o medo que todo ser humano apresenta, em maior ou menor grau, tem da opção do grupo a que pertence o desejo de aprovação, de estar integrado e aceito por todos, ainda que apenas, aliado à insegurança sobre o que é certo ou errado em educação hoje se leva a retirar-se. E a criança, esperta como ela só, percebendo essa indecisão que toma conta dos pais/cuidadores naquele exato momento, reafirma exatamente sua atitude anterior. Vencer essa dificuldade não é fácil. Para isso se faz necessário, em primeiro lugar, ter muita certeza de que sua atitude é educativa, baseada nos seus princípios.

Pais/cuidadores carregam mochilas dos filhos estão lhes ensinando que cabe a eles curtir a vida quanto a eles cabe à responsabilidade de tudo. A atitude coerente seria de o filho carregar o que lhe fosse possível e aos pais/cuidadores ajudasse naquilo que o filho precisar. Assim sobrando mais tempo aos pais conviverem com os filhos, e não se escravizassem em benefícios dos filhos (TIBA, 2006).

É importante que os pais consigam passar a ideia de que a vida dos seres humanos está acima de acertos e erros diários e transitórios. A vida é uma progressão. O sujeito que se desenvolve gradualmente não é aquele que não comete erros, mas aquele que aprende com o erro, corrigindo-o e avançando. É retrogrado quem se deixa paralisar pelo erro e passa a evitar novas situações para escapar de possíveis erros. Isso significa deixar a vida ser regida pelo erro (TIBA, 2006, p. 190-191).

As pessoas que desenvolvem sentimentos saudáveis adquiridos através de direcionamento até sua maturação, sabem apreciar suas habilidades de forma realista. Compreendem que não são perfeitas, que cometem erros e que, de vez em quando, fracassam nas coisas que tendem a fazer. Mas, depois de fazer uma avaliação correta, chegam a conclusão de que tem boas qualidades para equilibrar seus pontos negativos. Portanto, sentem-se iguais às outras pessoas e capazes de viver de acordo com as opiniões que os outros têm delas (PELT, 1996).

Adquirirmos segurança do que se quer na educação dos nossos filhos é, por mais difícil que pareça, a chave para obtermos sucesso. Trabalhar em harmonia de propósitos com o companheiro, marido e esposa, é também uma fonte preciosa de segurança para os dias atuais. Um apoiando o outro, um sustentando as atitudes do



outro. As divergências de opiniões entre parceiros na educação dos filhos devem ser resolvidas particularmente, longe da presença das crianças (ZAGURY, 2015).

Acrescenta ainda Zaguri (2015, p. 74) que as decisões, tomadas em conjunto, e uma vez tomadas, devem ser seguidas com firmeza e determinação, INDEPENDENTE DA OPINIÃO E DAS CRÍTICAS DOS OUTROS (essa talvez seja a parte difícil, porque sempre queremos estar bem com os outros, ser bem vistos e bem aceitos no nosso grupo social). Isso é válido para amigos, parentes, vovós excessivamente corujas e permissivas ou pessoas que vivem querendo nos criticar...

Na verdade os tempos mudaram, mas não as relações humanas que constituem as raízes da formação do caráter. Os filhos precisam dos pais/cuidadores para dirigir-lhes, direcioná-los, discipliná-los apoiando e dando-lhes animo para desenvolverem-se, amadurecerem e tornarem-se pessoas independentes da família, adultos saudáveis (PELT, 1996).

As linhas gerais da disciplina segundo Tiba (2006) é o conjunto de regras éticas utilizadas para atingir um objetivo ou um resultado com menos recurso e em menos tempo. Logo, disciplina são competências e qualidade de vida. A ética é entendida, aqui, como um critério qualitativo de como o ser humano se comporta onde envolve o respeito e o bem-estar biopsicossocial. Esse conjunto de regras pode ser obtido por simples treino, com a própria experiência.

Torna-se difícil e muitas vezes exaustiva a educação passada de pais/cuidadores para seus rebentos, afinal precisam educar seus filhos, não apenas agrade-los. Por isso, tem que se fazer o que é necessário, e não somente o que obrigatoriamente gostariam que fosse feito. Cumprimentar outras pessoas com um simples bom dia atualmente parece ser uma arte esquecida. E esses pequenos detalhes estão passando despercebidos por alguns pais/cuidadores, não todos evidentemente. São nas pequenas coisas que fazem a base das grandes. Se não educarmos nossos filhos para pequenas coisas não conseguiremos educar para as essenciais. As pequenas gentilezas não são na realidade apenas gentilezas: são indícios do respeito pelo outro, da percepção da sua existência (ZAGURY, 2015).

Os limites são importantes para formação da personalidade. São eles que vão ajudar a criança a desenvolver a capacidade de suportar frustrações. Sabe-se que bebês sem disciplina tendem a tornar-se adolescentes e



adultos que não sabem adiar seus desejos tendo dificuldades em lidar com seus próprios impulsos e, até mesmo, com a realidade (ZAGURY apud CHISTÉ et al, 2012, p. 4).

O objetivo da disciplina é treinar a criança para que saiba autogovernar-se. O objeto primordial dos pais/cuidadores e familiares, ao exercer a disciplina, é ajudar a criança a se tornar uma pessoa capaz de autocontrolar-se. Uma vez que o conceito que tiver de si mesma determinará em grande medida a extensão do controle que exercerá sobre seu comportamento, a disciplina não deve atacar a dignidade pessoal descuidadamente (PELT, 1996).

Os pais/cuidadores e familiares, sem querer generalizar, deve perguntar-se se não estão atendendo a uma necessidade deles próprios. Aliando-se a essa percepção distorcida de quem tem necessidade de que, acabam por não enxergar e perceber qual a real necessidade dos seus filhos (ZAGURY, 2015).

Esse tipo de compensação que os pais dão a si próprios em função do que não tiveram (ou pensam que não tiveram), julgando que estão dando aos filhos, em geral, lhes é dado em detrimento de um conjunto de valores (e é aí que reside o problema) que os estrutura como verdadeiros seres humanos, com outras preocupações mais profundas do que meramente TER, TER, TER, COMPRAR, COMPRAR, COMPRAR. Em suma, pensando dar tudo, na verdade não estão lhes dando nada de realmente importante (ZAGURY, 2015, p. 83).

Um lar feliz tem sempre regras e limites estabelecidos, para manter harmonia e relacionamentos amigáveis, é necessário estabelecer fronteira bem definidas. Seu filho precisa saber quem é ele e quem é seu provedor nesse contexto. Os limites devem ser tão definidos quando possível, sendo razoáveis e executáveis. Quando a criança cresce com direção conhecendo seus limites, encontrará segurança e aceitação dentro do grupo familiar (PELT, 1996).

Uma das maiores dificuldades na educação de uma criança consiste na tarefa de saber dosar amor e permissividade com limites e autoridade. Saber dizer o “não” é segundo especialistas, um dos aspectos mais importantes e saudáveis da educação de crianças e adolescentes. Claro que muitos pais e educadores se deparam com muitas dúvidas: estou agindo certo? Por que ele não obedece? Para os pais/cuidadores e familiares é mais importante saber que a noção do proibido vai se constituindo ao longo do desenvolvimento infantil. É fundamental que os adultos tenham clareza de suas convicções e sejam fieis a elas, pois, para

os pequenos, eles são modelos vivos a serem seguidos (TOMAZI, 2014, p. 6).

Zagury (2015) não vê problema de privar as crianças de coisas que elas podem ter. A ideia é que os pais/cuidadores permitam espaço, alguma coisa pelos quais os filhos realmente se empenhem. Que não sufoquem seus filhos com o amor. Ao contrário, que façam os filhos acreditarem em alguma coisa, que tenham algum ideal, alguma coisa para lutar. Que os filhos desejem dar uma contribuição social, não apenas receber benesses da sociedade. Com isso esses sujeitos descobrem motivação. Descobrimo, afinal, o que os emociona. Sendo assim, enquanto ainda é tempo, quem sabe seja útil moderação nessa generosidade excessiva, ou mesmo reformulemos nossos conceitos a respeito sobre o que significa dar tudo.

Com intuito de subsidiar a relevância da problemática aqui exibida, buscou-se uma teoria na psicologia que compilasse dados, fortalecendo o conteúdo descrito. Descrevem-se no próximo capítulo, concisos fundamentos da Terapia dos Esquemas, corroborando no contexto atual quanto aos efeitos nocivos na ausência de limites e regras na educação infantil. Entretanto, este tema da TE, não é o objetivo desta pesquisa, razão pela qual se apresenta ela a título de alicerce teórico.

### 2.1.3 A visão da terapia dos esquemas na ausência de limites e regras na educação infantil

Devido ao grande sucesso com resultados obtidos pela TCC por Aaron Beck, porém, não atingindo resultados positivos em casos caracterológicos crônicos, Jeffrey Young surge com uma nova terapia, apresentando como ponto principal os esquemas adquiridos nos espaços temporais não supridos na infância. De encontro ao tema deste trabalho, referente aos efeitos nocivos na falta de limites e regras, e, a terapia dos esquemas apresentar subsídios neste interim oferecendo embasamento substancial ao assunto, segue-se para conhecimento.

Conforme Knapp; Beck (2008, p. 55), uma variedade em abordagens da Teoria Cognitivo Comportamental nasceu ao longo do tempo alcançando sucesso

em suas aplicações. Suas classificações se dividem como três focos principais: 1) terapias de habilidades de enfrentamento, que enfatizam o desenvolvimento de um repertório de habilidades que objetivam fornecer ao paciente, instrumentos para lidar com uma série de situações problemáticas; 2) terapia de estratégias de problemas, que enfatiza o desenvolvimento de estratégias gerais para lidar com uma ampla variedade de dificuldades pessoais; 3) terapias de reestruturação que enfatizam a pressuposição de que problemas emocionais é uma consequência de pensamentos mal adaptativos, sendo a meta do tratamento reformular pensamentos distorcidos e promover pensamentos adaptativos.

Em anos recentes, muitas abordagens cognitivas comportamentais emergiram e evoluíram do modelo conceitual original cognitivo e cognitivo-comportamental. A terapia do esquema é uma delas, desenvolvida por Jeffrey Young, bem como a terapia dialética (DBT), desenvolvida por Marsha Linehan, são dois bons exemplos de abordagens TCC usadas para tratar indivíduos com psicopatologia mais grave, especialmente borderline (KNAPP; BECK, 2008, p. 56).

A abordagem da TE propõe combinações de subsídios utilizando diversas teorias, entre elas, cognitivo-comportamental, de apego, da Gestalt, das relações objetais construtivista e psicanalista em um molde conceptual e de tratamento rico e unificador. Apresenta uma sugestão de terapia pioneira, criada por Young e colegas, que expande expressivamente os tratamentos terapêuticos e considerações cognitivo-comportamentais tradicionais. Origina uma nova linha psicoterápica principalmente apropriada a casos considerados complexos de tratamento com transtornos psicológicos crônicos profundos (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Além de ser uma forma avançada, das terapias cognitivas, a terapia dos esquemas também representa uma contribuição relevante ao campo da personalidade e do desenvolvimento humano. Em suas teorizações referentes o desenvolvimento de transtornos de personalidade, Young acabou por explicar uma série de aspectos importantes para o entendimento da personalidade normal e/ou patológica, como, no modelo, a relação entre genética e aprendizagem, os aspectos cronológicos relativos à evolução da identidade pessoal, bem como o efeito das experiências continuadas com cuidadores e figuras de afeto na puerícia. Vários

desses aspectos ou não eram abordados pelas demais terapias cognitivas, ou o eram de forma muito incipiente (WAINER et al, 2016).

Young; Klosko e Weishaar (2008) apresentam um olhar a propósito do campo da terapia cognitiva-comportamental auxilia a elucidar o motivo no qual Young considerou essencial o desenvolver-se da terapia do esquema. Profissionais e pesquisadores da área cognitivo-comportamental obtiveram extraordinários avanços no desenvolvimento de tratamentos psicológicos eficazes para transtornos do Eixo1, incluindo os transtornos de ansiedade, uso excessivo de álcool e drogas e também nos transtornos de humor.

Dobson; Dozois apud Knapp; Beck (2008, p. 54), as abordagens atuais em TCC compartilham três proposições fundamentais. A primeira é o papel mediacional da cognição, que afirma que há sempre um processamento cognitivo e avaliação de eventos internos e externos que podem afetar a resposta a esses eventos; a segunda defende que a atividade cognitiva pode ser monitorada, avaliada e medida; e a terceira, que a mudança de comportamento pode ser mediada por essas avaliações cognitivas e, desta forma, pode ser uma evidência indireta de mudança cognitiva.

Muitas vezes, diz Beck; Freeman et al apud Young; Klosko e Weishaar (2008), indivíduos que apresentam transtornos de personalidade e problemas caracterológicos não respondem totalmente a tratamentos cognitivo-comportamentais tradicionais, pacientes crônicos e difíceis de tratar acabam por desenvolver desafios a TCC. Encontrou-se redução à eficácia em paciente com problemas caracterológicos de várias formas, não avançando ao tratamento cognitivo-comportamental, ou reincidiam de sua suspensão.

A TE buscou, desde sua origem, contribuir, tanto na prática clínica bem como em teoria, com os princípios gerais da terapia cognitiva (TC) dos transtornos da personalidade iniciada com Beck e Freeman (1990). Porém, Young em pacientes caracterológicos, via-se diante de obstáculos frequentes, indicando pressupostos falho proposto pela TC tradicional, fornecendo novos conceitos e posturas terapêuticas para uma maior eficiência com essa população dos sujeitos. Entre as principais considerações introduzidas, listam-se o de esquemas iniciais desadaptativos (EIDs), e de domínios esquemáticos (Des), o de processos esquemáticos (PEs) e o de estilos de enfrentamento (WAINER et al, 2016).

Há ainda outros pacientes que procuram tratamento cognitivo-comportamental, mas carecem de sintomas específicos que possam servir como alvo da terapia. Seus problemas são vagos e difusos, ou não há fatores ativadores claros. Eles sentem que alguma coisa vital está ausente ou errada em sua existência. Esses pacientes são caracterológicos, ou seja, buscam ajuda no tratamento para dificuldades crônicas em relacionamentos com pessoas próximas ou no trabalho. Esses pacientes não apresentam sintomas do Eixo 1 (Transtornos do Eixo I são transtornos clínicos e outras condições que podem ser de atenção clínica, serve para o relato de todos os vários transtornos ou condições da classificação, exceto Transtornos da Personalidade e Retardo Mental (relatados no Eixo II), importantes ou os tem em grandes quantidades, é complicado a aplicação da terapia cognitivo-comportamental tradicional (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p.18).

Partindo de pressupostos Young; Klosko e Weishaar (2008) relatam que pacientes caracterológicos não aderem com eficácia ao tratamento cognitivo-comportamental, onde apresentam uma série de atributos psicológicos que os distinguem de casos explícitos do Eixo 1 e os tornam sujeitos pouco adequados ao tratamento cognitivo comportamental. Um exemplo de pressupostos de não cumprimento do protocolo de procedimentos de tratamento é a ausência de execução de tarefas que lhes são prescritas pela TCC tradicional.

Essa linha pressupõe que os pacientes estejam motivados a reduzidos sintomas, a formar habilidades e a resolver seus problemas atuais e, sendo assim, com um pouco de estímulo e reforço positivo, que cumpram com o que lhe é solicitado durante o tratamento. Todavia, em muitos pacientes caracterológicos, as motivações são complicadas, mostrando-se não dispostos ou apenas não conseguindo cumprir os procedimentos da TCC, por algum motivo subjetivo (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Outro pressuposto da terapia cognitivo-comportamental é que, com um pouco de treinamento, os pacientes acessem suas cognições e emoções e as informem ao terapeuta. No início da terapia, espera-se que observem e registrem seus pensamentos e sentimentos, mas os pacientes com problemas caracterológicos, várias vezes não conseguem, parecendo, com frequência, não ter contato com suas cognições e emoções. Muitos desses pacientes desenvolvem evitação cognitiva e afetiva. Bloqueiam pensamentos e imagens perturbadoras, evitam suas próprias memórias e seus sentimentos negativos evitando olhar fundo dentro de si mesmo. Também evitam muitos dos comportamentos e situações essenciais a seu avanço. Esse padrão de evitação provavelmente se desenvolve como resposta instrumental, aprendida porque é reforçada pela redução de sentimentos negativos. A evitação se torna uma estratégia para enfrentar as

emoções negativas habituais e é extremamente difícil mudar (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 19).

A elaboração e desenvolvimento da Terapia dos Esquemas como uma abordagem sistemática que estende a TCC, integrando técnicas derivadas. Essa nova abordagem terapêutica como ampliação da Terapia Cognitivo-Comportamental, visa dar ênfase em maior grau às investigações das origens infantis e adolescentes de problemas psicológicos, às técnicas emotivas, à relação terapeuta-pacientes e aos estilos desadaptativos de enfrentamento. Ajudando paciente e terapeutas a entender problemas crônicos e organiza-los de maneira compreensível. Identificando a trajetória desses esquemas desde a infância até o presente, com ênfase particular nos relacionamentos interpessoais do indivíduo (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

A Terapia dos Esquemas une todos os aspectos já postulados pela TCC tradicional no manejo de pacientes caracterológicos. Contudo, acrescenta diversas considerações de suma importância, tanto em termos de estruturação da personalidade como em termos dos processos inconscientes de perpetuação dessa estrutura da identificação do indivíduo (WAINER et al, 2016) .

#### 2.1.3.1 O Desenvolvimento da personalidade normal e patológica

Wainer et al, (2016) apresenta em seu livro Terapia Cognitiva focada em esquemas, que, mediante a integração de novos conceitos e de entendimentos centrais da Teoria Cognitivo-Comportamental de Aaron Beck, Young construiu um sistema conceitual e de desenvolvimento da personalidade complementar às teorizações cognitivas da época, gerando uma abordagem psicoterápica inovadora e eficaz para diversos casos de transtornos da personalidade, bem como de situações graves e refratárias.

A TE apresenta um sistema explicativo de personalidade – embora se possa perceber que os trabalhos de Young não tivessem como premissa a finalidade de uma teoria geral da personalidade dentro do cognitivismo, e sim o de originar um

novo conjunto de técnicas e conceitos para lidar com pacientes graves, onde a terapia cognitivo-comportamental não apresentava resultados eficazes. Mesmo de maneira indireta, a TE atingiu uma formulação nunca obtida antes dos fatores envolvidos da personalidade, bem como dos processos mentais mantenedores de sua homeostase (WAINER et al, 2016).

No entanto, segundo o *DSM-IV* (Associação Psiquiátrica Americana, 1994) e de acordo com a nossa experiência clínica, uma das marcas registradas dos transtornos de personalidade é a presença de padrões invasivos, inflexíveis, muito duradouros (*DSM-IV*, p.629). Millon (1981) reforça esse ponto, especificando a inflexibilidade adaptativa e os círculos viciosos como dois dos maiores critérios para patologia da personalidade: “as estratégias alternativas que o indivíduo emprega para relacionar-se com os outros, para atingir objetivos e para lidar com o estresse não só são poucas, em número, como também parecem ser empregadas rigidamente” (YOUNG, 2003, p. 12-13).

Para Wainer et al (2016) na terapia dos esquemas a estruturação da personalidade é vista como um método natural e que tem seus alicerces nas bases genéticas herdadas, as quais determinam o temperamento e, assim, as tendências comportamentais afetivas, cognitivas e motivacionais que passaram os efeitos do ambiente por meio de aprendizagens constantes no decorrer do ciclo vital. Já a importância do temperamento é mais mencionada na TE, visto que este era analisado apenas mais uma influência pelas demais teorias cognitivas, não sendo, portanto, determinada a expansão de suas decorrências.

A maneira como cada indivíduo funciona é advinda do temperamento que determina essas tendências, trazendo essencial implicação sobre o resultado final na identidade pessoal. Sendo o temperamento um determinante biológico da personalidade, é antecipado que ele não poderá ser completamente alterado pelas influências ambientais vindouras ao nascimento. Por conseguinte, as tendências geneticamente herdadas poderão se amplificadas, reduzidas, encobertas ou expressas em sua natureza, mas nunca eliminadas ou aumentadas exacerbadamente em sua totalidade (LOCKWOOD; PERRIS apud WAINER et al, 2016).

Millon apud Young (2003), explica que sujeitos com transtornos de personalidade criam conexões viciosas de sequências auto derrotistas: manobras como constrição protetora, distorção cognitiva e generalização de comportamentos

são processos pelos quais os indivíduos restringem suas oportunidades de novas aprendizagens, interpretam maus acontecimentos essencialmente benignos e provocam reações nos outros que reativam problemas anteriores. Os padrões de personalidade são profundamente são profundamente engravados e penetrantes e tendem a persistir, essencialmente sem modificações, por períodos de tempo.

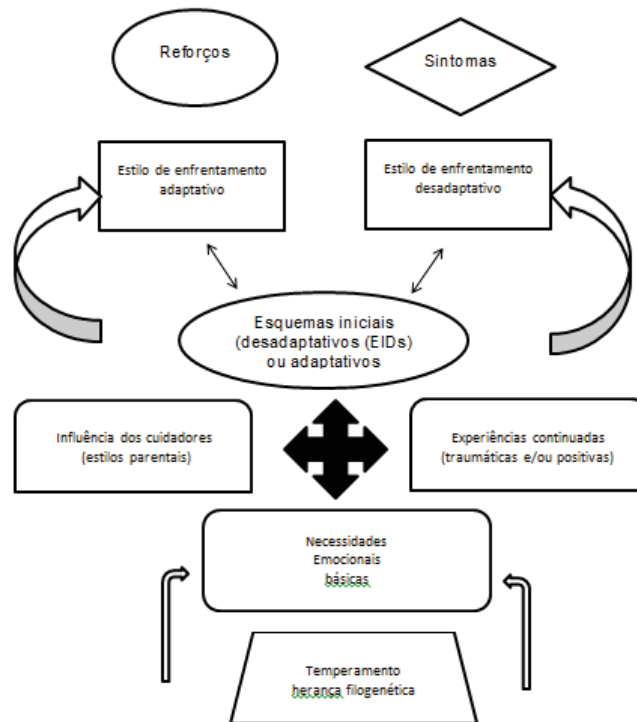
Wainer et al (2016) apresentam que em relação ao papel do temperamento outra questão é a ideia de que ele é quem determina a quantidade ideal solicitada das necessidades emocionais básicas de cada indivíduo em cada uma das ocasiões críticas do desenvolvimento que foram chamados por Young de domínios esquemáticos. Deste modo, de acordo com seu temperamento, uma pessoa pode, por exemplo, demandar mais manifestações de afeto de seus cuidadores no início da vida que seu irmão, o qual de forma contrária pode carecer de maior quantidade de limites afetivos em uma etapa futura. Percebe-se, com isso, que a TE consegue explicar a complexa e multifatorial equação do desenvolvimento da personalidade humana, ao mesmo tempo em que demonstra a complexidade requerida dos cuidadores na disponibilização das necessidades básicas das crianças ao longo da infância e da adolescência.

Além disso, sobre a base do temperamento e da demanda de necessidades básicas a serem supridas pelos cuidadores prioritamente durante a infância, as experiências infantis continuadas aparecem como fator crucial na definição da personalidade. Estas se dão pela interação contínua e sistemática com pais, irmãos, parentes, amigos, professores e outros elementos de relacionamento interpessoal constante (WAINER et al, 2016, p. 17).

A Figura 2 exemplifica a dinâmica entre a base filogenética herdada e as heranças ontogenéticas (aprendizagens) no desenvolvimento dos esquemas iniciais.



Figura 2– Elementos constituintes dos esquemas iniciais.



Fonte: (WAINER et al, 2016, p. 18).

Assim, um esquema é uma estrutura (cognitiva) que filtra, codifica e avalia os estímulos, de acordo com períodos vivenciados na infância e adolescência denominados domínios esquemáticos, aos quais o organismo é submetido. Com base na matriz dos esquemas, o indivíduo consegue orientar-se em relação ao tempo e espaço e categorizar experiências de maneira significativa. Os esquemas podem ficar inativos em certos períodos, e depois serem energizados ou desenergizados rapidamente, como resultado de mudanças no tipo de *input* no meio ambiente (BECK apud YOUNG, 2003).

### 2.1.3.2 Domínios esquemáticos e as tarefas evolutivas: primeiras experiências de vida

No período do desenvolvimento da personalidade, a variedade e influências do ambiente terão repercussões diversas de acordo com o momento cronológico da vida. Sendo uma constatação primária dos estudos de psicologia do

desenvolvimento bem como da psicopatologia. Embora nunca se tenha negado a importância da infância sobre o desenvolvimento psíquico saudável ou patológico, a clínica cognitivista não havia desenvolvido extensamente esse aspecto até os trabalhos da TE (WAINER et al, 2016.)

Wainer (2016) descreve em seu livro *Terapia Cognitiva Focada em Esquemas*, que tendo postulado um nível mais intenso e dominante de esquemas mentais sobre a dinâmica do comportamento humano os EIDs, Young comprovou que estes aparecem em períodos cruciais e exclusivos ao longo da infância e adolescência (o que já foi mencionado neste trabalho), esses períodos foram chamados de domínios esquemáticos (DEs).

Ao considerarmos as origens desses esquemas, observamos cinco tarefas desenvolvimentais primárias que a criança precisa negociar para se desenvolver de maneira sadia. Quando alguma dessas tarefas não é realizada, imaginamos que o paciente terá dificuldade para funcionar em um ou mais dos cinco domínios do esquema: (a) desconexão e rejeição; (b) autonomia e desempenho prejudicados; (c) limites prejudicados; (d) orientação para o outro e (e) supervigilância e inibição. Quando os esquemas se desenvolvem na infância, eles bloqueiam a criança em um ou mais desses domínios. (YOUNG, 2003, p. 22).

Os domínios esquemáticos são intervalos temporais que vão do início da infância ao começo da adolescência nos quais se acredita que demandas psicológicas sejam preenchidas pelos cuidadores e pelo ambiente, para que a criança desenvolva esquemas mentais básicos (esquemas iniciais) saudáveis. Estes, por sua vez, formarão embasamentos para o desenvolvimento dos esquemas mentais dos diferentes papéis sociais e pessoais que o sujeito utiliza em seu cotidiano (WAINER et al, 2016).

Wainer et al (2016) apresentou classificados como sendo cinco os Des, que vão fazer referência a cinco tarefas evolutivas específicas, nas quais EIDs específicos poderão vir a se desenvolver, conforme apresentado abaixo resumidamente na Tabela 1.

Tabela 1 – Domínios esquemáticos, tarefas evolutivas e esquemas iniciais desadaptativos de cada domínio.

Domínio esquemático	Tarefa evolutiva	EIDs associados
1º. Domínio	Aceitação e pertencimento	Abandono, privação emocional, defeito/vergonha, abuso/desconfiança, isolamento social/ alienação e indesejabilidade social.
2º. Domínio	Senso de autonomia e competência adequado	Fracasso, vulnerabilidade, dependência/incompetência e emaranhamento.
3º. Domínio	Limites realista	Autocontrole e autodisciplina insuficientes e grandiosidade/merecimento.
4º. Domínio	Respeito aos seus desejos e aspirações	Subjugação, auto sacrifício e busca de aprovação/reconhecimento.
5º. Domínio	Expressão emocional Legítima	Inibição emocional, padrões inflexíveis/hipercriticidade, negativismo/pessimismo e caráter punitivo.

Fonte: (WAINER et al, 2016, p. 19).

Os domínios esquemáticos ou domínios de esquemas formam 18 esquemas que se agrupam aos domínios das cinco categorias amplas de necessidades emocionais não satisfeitas. Nesta sessão será apresentada a discussão sobre os cinco domínios e listamos também os esquemas que os mesmos contem (esses estão em itálico para identifica-los), sendo aprofundado o terceiro domínio de limites prejudicados (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

### 2.1.3.3 Domínio I: desconexão e rejeição

Indivíduos que apresentam esquemas neste domínio são incapazes de formar vínculos seguros e satisfatórios com outras pessoas. Acreditam que suas necessidades de segurança, cuidado, estabilidade amos e pertencimento não serão atendidos. Pertenceu a famílias instáveis (*abandono/instabilidade*), abusivos (*desconfiança/abuso*), frieza (*privação emocional*), rejeição (*defectividade/vergonha*) ou isolamento do mundo exterior (*isolamento social/ alienação*). Sujeitos com esquemas no domínio de desconexão e rejeição (especialmente nos quatro primeiros esquemas) costumam sofrer maiores prejuízos (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Conexão é o sentimento de estar conectado a outras pessoas de maneira estável, duradoura e confiante; uma forma de conexão envolve intimidade: laços emocionais estreitos com outros; uma segunda forma envolve integração: um sentimento de pertencer e de se ajustar-se a um grupo de amigos, família e comunidade. A aceitação envolve sentimento de ser amável (digno de ser amado), aceitável e desejável para os outros e merecedor de atenção, amor e respeito (YOUNG, 2003, p. 22).

Como adultos, expõe Young; Klosko e Weishaar, 2008, apresentam tendência de passar por relacionamentos autodestrutivos a outro, devido a apresentarem uma infância traumática, igualmente podem evitar completamente relacionamentos íntimos. Exibido no quadro abaixo outros esquemas deste domínio.

#### Quadro 1 - Esquemas desadaptativos associados ao 1º Domínio

##### 1. Abandono/instabilidade

Percepção que os outros com quem poderia se relacionar são instáveis e indignos de confiança. Envolve a sensação de que pessoas importantes não serão capazes de continuar proporcionando apoio emocional, ligação, força ou proteção, por que seriam emocionalmente instáveis e imprevisíveis, não merecendo confiança ou só estariam presentes de forma errática; porque morreriam a qualquer momento, ou iriam abandona-lo por uma pessoa melhor.

## 2. Desconfiança/abuso

Apresentam expectativas de que os outros irão machucar, abusar, humilhar, enganar, mentir, manipular ou aproveitar-se. Comumente, envolve a percepção de que o prejuízo é proposital ou de negligência injustificada ou extrema. Acredita que sempre levam a pior.

## 3. Privação emocional

Geram expectativas de apoio emocional acreditando que não serão satisfeitos pelos outros.

## 4. Defectividade/vergonha

Sentimento de ser mau, falho, indesejado ou inválido em aspectos importantes ou não ter merecimento do amor de pessoas importantes quando esta em contato com elas.

## 5. Isolamento social/alienação

Não se sente pertencente a qualquer grupo da comunidade, acredita estar isolado do mundo e que é diferente das outras pessoas.

Fonte: (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 28).

### 2.1.3.4 Domínio II: autonomia

Separar-se da família e conseguir funcionar de forma independente, no nível de pessoas da mesma idade, é uma capacidade da autonomia. Indivíduos que apresentam esquemas neste domínio geram muitas expectativas sobre si próprias e sobre o mundo que interferem em sua capacidade de se diferenciar das figuras paternas ou maternas e funcionar de forma independente (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Autonomia é o sentimento de poder funcionar de poder funcionar independentemente no mundo, sem o contínuo apoio aos outros. Os indivíduos autônomos estabelecem um senso de identidade individual e aprendem a se separar dos pais e a sobreviver no mundo fora da família.

Desempenho refere-se à capacidade de se sair bem na escola e no trabalho (YOUNG, 2003, p. 23).

Quando eram pequenos (crianças), na maioria das vezes, os pais lhes satisfaziam todas as vontades e os superprotegiam, ou no extremo oposto (muito mais raro), quase nunca os cuidavam nem se responsabilizavam por eles. Ambos os extremos levam a problemas na esfera da autonomia. Constantemente, os pais/cuidadores prejudicaram a autoconfiança e não reforçaram os filhos para exercer papel competente fora de seus lares. O que tornam essas crianças quando adultas, inábeis de afeiçoar suas próprias vidas, nem de estabelecer objetivos pessoais e dominar habilidades necessárias para o dia a dia, permanecendo crianças durante boa parte de suas vidas adultas (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008). Abaixo quadro 2 representando os esquemas do segundo domínio:

Quadro 2 - Esquemas desadaptativos associados ao 2º Domínio

6. Dependência/incompetência

Acreditam não dar conta das responsabilidades, sendo incapazes de realizar atividades cotidianas de maneira competente ou atingirem bom desempenho (por exemplo, resolver problemas do dia a dia, exercer capacidade de discernimento, cuidar de si mesmo, cumprir novas tarefas, tomar decisões adequadas). Frequentemente, apresentam-se como desamparo.

7. Vulnerabilidade ao dano ou a doença

Sentem-se desprotegidos e acreditam que a qualquer momento poderá ocorrer uma catástrofe iminente e ainda cairá sobre si sem ter como impedir. Geralmente o medo atinge a uma ou mais das três esferas, (1) catástrofes em termos de saúde (ataques do coração, AIDS, etc); (2) catástrofes emocionais (enlouquecer, por exemplo); (3) catástrofes externas (queda de elevadores, ataques criminosos, desastre de avião, terremotos).

8. Emaranhamento/self subdesenvolvido

Dificuldade em individualização integral e desenvolvimento social normal, grande envolvimento emocional e intimidade excessiva com uma ou mais pessoas

importantes para si (com frequência, com pais/cuidadores). Pode sentir-se sufocado o fundido com outras pessoas e de não ter a identidade individual suficiente. Frequentemente, vive sentimentos de vazio e fracasso totais, sem enxergar direção e, em caos extremos, de questionar a própria existência.

#### 9. Fracasso

Não se sente adequado aos colegas em questões de conquistas (escola, trabalho, esportes, etc.). Crê ser burro, inepto, inferior, menos exitoso do que os outros, e assim por diante.

Fonte: (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 29).

#### 2.1.3.5 Domínio III: limites prejudicados

O termo limites realistas refere-se à habilidade de disciplinar-se, de conter-se os próprios impulsos e de levar em conta as indigências dos outros, tudo isso em uma condição adequada (YOUNG, 2003).

Young; Klosko e Weishaar (2008) relatam que sujeitos com esquemas neste domínio, limites prejudicados, muitas vezes apresentam-se egoístas, mimados, irresponsáveis e narcisistas. Não desenvolveram limites internos adequados em relação à reciprocidade ou autodisciplina, demonstrando dificuldades em respeitar o direito de terceiros, cooperação, manter compromissos ou cumprir objetivos de longo prazo.

Indivíduos com esquemas nesse domínio pertenceram geralmente a famílias permissivas. Colaborando para futuros comportamentos como desrespeito aos direitos alheios, falta de limites, dificuldade no cumprimento e aceitação de regras. Apresentam como principais características o egoísmo, irresponsabilidade e o narcisismo (TRINDADE; MASSATI e MAZZONI apud ISOPPO, 2012).

Suas famílias são de origens são na maioria das vezes, exageradamente permissivas ou indulgentes. O arrogo pode, de vez em quando, constituir-se uma forma de hipercompensação de outros esquemas, como privação emocional. Nesses casos, o excesso de tolerância não costuma ser a origem primeira. Quando

criança não lhes foi exigido que seguissem as regras aplicadas a todas as outras pessoas, que considerassem os demais ou que desenvolvessem autocontrole. Como adultos, necessitam da capacidade de restringir seus impulsos e de postergar a gratificação em função de benefícios futuros (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Os esquemas de Merecimento/Grandiosidade e Autocontrole/Autodisciplina insuficientes desenvolvem-se quando as crianças são muito mimadas pelos pais/cuidadores, elogiados de forma exagerada por suas realizações, tem liberdade para fazer tudo o que querem sem importar-se com as necessidades dos outros, não aprendem que os relacionamentos envolvem compartilhamento e reciprocidade, e não são ensinadas a lidar com a derrota ou a frustração. Tais crianças podem ouvir que são especiais, e muito poucos limites lhes são colocados (YOUNG, 2003, p. 24).

A falta de orientação por parte da família de origem, com excesso de tolerância ou até mesmo sensação de superioridade em lugar da confrontação, disciplina e limites adequados em relação a assumir responsabilidades, cooperação de forma recíproca e definição objetiva, não estimulando a criança a tolerar níveis normais de desconforto e nem ter recebido supervisão, direção ou orientação adequadas (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008). Veja quadro abaixo:

### Quadro 3 - Esquemas desadaptativos associados ao 3º Domínio

#### 10. Arrogo/grandiosidade

Crença de que é superior a outras pessoas, de que têm direitos e privilégios especiais, ou de que não está sujeito às regras de reciprocidade que guiam a interação social normal. Envolve a insistência de que se deveria poder fazer tudo o que se queira, independentemente da realidade, do que outros consideram razoável ou do custo a outras pessoas. Tem a ver com o foco exagerado na superioridade (estar entre os mais sucedidos, famosos, ricos) para atingir poder ou controle (e não principalmente para obter atenção ou aprovação). Às vezes, inclui competitividade excessiva ou dominação em relação a outros: afirmar o poder, forçar o próprio ponto de vista ou controlar o comportamento de outros segundo seus próprios desejos, sem empatia ou preocupação com as necessidades ou desejos dos outros.



### 11. Autocontrole/autodisciplina insuficientes

Dificuldade ou recusa a exercer autocontrole e tolerância à frustração com relação aos próprios objetivos ou a limitar a expressão excessiva das próprias emoções e impulsos. Em forma mais leve, o sujeito apresenta ênfase exagerada na evitação de desconforto: evitando dor, conflito, confrontação e responsabilidade, à custa da realização pessoal, comprometimento ou integridade.

Fonte: (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 29).

Algumas características semelhantes são encontradas na falta de disciplina apresentadas por indivíduos que exibem comportamentos análogos, em relatos de pais/cuidadores e familiares, professores/escola, vizinhos ou mesmo parentes distantes. Essas características comportamentais levam-se a crer, que a falta de limites e regras na infância vai acarretar prejuízos futuros ao sujeito, porém, oferecemos aqui como características e não como afirmativa de danos ou constituição de esquemas.

Para que o esquema desadaptativo ser detectado necessita-se que isso traga algum prejuízo significativo em alguma área da vida do indivíduo. Mas, algumas das características nocivas apresentadas na falta de limites e regras na infância como configuração desse sujeito são oferecidas a seguir, podendo, ou não, ser considerado esquemas desadaptativos.

#### 2.1.3.5.1 Arrogo/grandiosidade

A orientação e imposição de limites afetivos são necessidades básicas da criança em formação, para melhor aprendizado do efeito das ações dos outros para si e vice-versa. A consideração empática e o respeito pelos outros não fazem parte desse sujeito que não lhe foi dirigido pelos limites e regras. Não conseguindo colocar-se no lugar dos outros, muito menos mostrar consideração e respeito pelas necessidades e sentimentos alheios (WAINER et al, 2016).

Pressionam as outras pessoas que os rodeiam para que tudo aconteça à sua maneira vangloria-se de suas próprias realizações. Evita situações nas quais é médio, e não superior. Pode hipercompensar suas deficiências prestando atenção excessiva às necessidades alheias (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Apresentam relações desiguais ou com falta de atenção com parceiros ou outras pessoas importantes, apresenta comportamento de forma egoísta pensando somente em si, não desenvolve empatia desconsiderando as necessidades e sentimentos alheios, na maioria das vezes age como superior (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Podem desenvolver personalidade narcisista apresentando características de padrões invasivos e de grandiosidade, necessidade de admiração e falta de empatia. Os sujeitos acometidos por esse transtorno acreditam serem superiores, especiais e únicos, certos de que devem ser tratados como tal. Esses muitas vezes relatam excessiva necessidade de admiração, sendo altamente sensíveis a críticas. Pacientes com transtorno de personalidade narcisista podem apresentar severas perturbações em importantes áreas da vida como no campo de trabalho e nas relações interpessoais. Tem sido demonstrado que esses pacientes têm elevado risco de suicídio e tais tentativas podem surgir de forma abrupta e imprevisível (MARISSSEN; DEEN e FRANKEN apud ISOPPO, 2012, p. 5).

Procuram controlar o comportamento de outros a fim de satisfazer suas próprias necessidades, sem empatia ou preocupações pelas outras pessoas. São insistentes que devem fazer, dizer ou ter o que deseja independente do custo a terceiros. Competem em excesso, apresenta esnobismo, a imposição de seu ponto de vista é exagerada (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Sujeitos com esquemas em arrogo/grandiosidade passaram a vida concentrando-se seletivamente em seus pontos fortes e minimizando os fracos, e não possuem uma visão realista de suas próprias qualidades e defeitos. Não entendem ou não aceitam que tenham fraquezas e limitações humanas normais, como qualquer outro ser humano (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Indivíduos com este esquema tornam sua autoestima vulnerável, ficando sensíveis a mágoas por críticas ou derrotas. Mesmo não demonstrando abertamente, qualquer crítica ou ideias diferentes das deles os fazem sentir-se humilhados e vazios. Pode reagir com agressão, desdém ou contra-ataque ofensivo.

Devido a algumas experiências como estas esses indivíduos podem retrair-se socialmente ou utilizar de uma máscara de humildes para esconder sua grandiosidade (APA apud ISOPPO, 2012).

#### 2.1.3.5.2 Autocontrole e autodisciplina insuficientes

Apresentam-se como necessidades básicas na constituição da psique para o adulto saudável a orientação empática e afetiva no adiantamento de gratificações quando de tarefas diárias, bem como, limites expressos quando emoções se mostram fora de controle ou inapropriadas para os contextos. Não possuindo essas características supridas na infância o indivíduo não será capaz de tolerar frustrações, não conseguindo adiar gratificações para objetivos mais complexos (WAINER et al, 2016).

Desistem facilmente de tarefas rotineiras, evitando empregos e não aceitando responsabilidades, as pessoas, coisas e acontecimentos podem perder rapidamente a graça, não demonstrando mais interesse no que tanto desejou anteriormente. Pode tornar-se exageradamente autocontrolado ou autodisciplinado para hipercompensar a carência de limites e regras realistas não supridas na infância (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Ana Beatriz Barbosa Silva (2014) nos apresenta que a falta de controle e disciplina na fase da infância, acaba por desenvolver adultos desorganizados, enrolados, impacientes, cheios de energia, que estão sempre em busca de algo novo e estimulante, iniciam vários projetos ao mesmo tempo e acabam por abandoná-los no meio do caminho. Apresentam altos e baixos repentinos, esquecem compromissos importantes, perdem objetos constantemente, falam sem pensar e acabam por trocar de relacionamentos amorosos constantemente.

Realizam tarefas que são tediosas ou desconfortáveis de forma descuidada, não consegue manter controle de suas emoções, como, beber, jogar em excesso ou utilizam drogas. Não trabalham ou abandonam os estudos (escola), não estabelecem objetivos profissionais em longo prazo. Tomam iniciativas rápidas e

intensas para completar um projeto ou exercer autocontrole como forma de hipercompensação (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

De acordo com Wainer et al (2016), espera-se que os pais possam proporcionar as diretrizes da vida em sociedade, fornecendo as bases do desenvolvimento moral dos filhos. Pais/cuidadores indulgentes, negligentes ou mesmo exageradamente críticos e severos ao colocar limites tendem a gerar filhos com déficits de consideração pelos direitos alheios.

O autocontrole está relacionado à capacidade de dar os devidos limites às próprias emoções e impulsos. Na autodisciplina descobrimos a capacidade em tolerar o tédio e a frustração por tempo suficiente a realizar tarefas. Indivíduos que desenvolvem o esquema de autodisciplina acabam por não conseguir restringir adequadamente suas emoções e impulsos (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

No extremo do espectro deste esquema, encontram-se pacientes que parecem crianças sem uma educação adequada. Em formas mais leves, os pacientes apresentam uma ênfase exagerada na evitação do desconforto; preferem evitar a maior parte do sofrimento, conflito, confronto, responsabilidade e esforços, mesmo à custa de sua realização ou integridade pessoal (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 212-213).

Na vida pessoal e profissional, exibem uma dificuldade generalizada de adiar gratificação em curto prazo para atingir objetivos de longo prazo. Parece não aprenderem o suficiente a partir da experiência, ou seja, das consequências de seu comportamento. Não conseguem exercer autocontrole e autodisciplina. O problema da gratificação imediata é que ela não é rápida o suficiente (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Podem apresentar agressividade imediata, descontrole alimentar, uso de drogas, gastos em demasia, compulsão por jogos, discursos ininterruptos. Geralmente essas pessoas buscam a maioria do tempo de suas vidas, aventuras, novos projetos, emoções, novos amores, tudo isso com o intuito de viver mais intensamente, nunca se satisfazem por completo (SILVA, 2014).

É raro que os pacientes digam: “Esta correto expressar todos os meus sentimentos” ou “Eu devo agir impulsivamente”. Em vez disso, os pacientes vivenciam o esquema como algo fora do seu controle. O esquema não parece egossintônico como outros, e a maioria das pacientes que vemos

querem ser mais autocontrolada e autodisciplinada. Continuam tentando, mas parece não conseguir manter seus esforços por muito tempo (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 213).

Outros comportamentos típicos deste esquema são a impulsividade, tem dificuldade em concentração, são desorganizados, não persistem, pois lhe faltam disposição para tarefas rotineiras que acham tediosas, explosões de raiva e histeria são apresentadas como expressões de suas fortes emoções, bem como atrasos ou irresponsabilidades rotineiras. Todos esses comportamentos tem em comum a busca por gratificações de curto prazo (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Os vícios estão presentes em muitas formas não apenas neste esquema, como forma de evitar sofrimentos subjetivos a cada indivíduo. O esquema de autocontrole/autodisciplina insuficientes, por sua vez, apresenta-se em sujeitos com dificuldades de se controlar ou em ter disciplina em grande gama de circunstâncias, em muitas áreas de suas vidas acabam por não conseguir limitar suas emoções e impulsos apresentando problemas de autocontrole em diversas áreas, e não apenas em comportamento com adicção (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Nunca buscarão a morte, por exemplo, podem muitas vezes chegar bem perto dela, mas certamente não era para lá que se dirigiam, e sim para a vida. Essa vida que, para eles, de tão interessante, por vezes chega a doer. E é na busca dessa vida dentro da vida que está o impulso mais forte. Agem como se tudo dependesse de ser muito demasiadamente intenso. Muita dor, muita alegria, muito prazer, muita fé, muito desespero. E, se pudéssemos fazê-los ver a força poderosa que esse impulso pode ter, quando bem direcionada na construção de uma existência que valha tanto a eles quanto a humanidade, teremos feito a nossa parte nesse processo (SILVA, 2014, p.19).

A maneira impulsiva também pode ser a maneira da pessoa ser desinibida e espontânea. Apresentando-se neste modo mais leve podendo usufruir mais lazer, conseguindo divertir-se. A um lado positivo, mas, quando excessivo, quando não esta em equilíbrio com outros aspectos do self, o custo excede o benefício, e o modo torna-se destrutivo para o indivíduo (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Esses sujeitos não conseguem refletir entre o impulso e a ação. Não possuem habilidades para aprender a conjeturar referente às consequências de ceder ao impulso antes de agir a partir dele. Quanto menos suprimem suas necessidades e

seus sentimentos, menos possibilidades terão de se comportar de forma impulsiva (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Embora não existam formulas prontas e replicáveis para garantir uma educação, que gere menores complicações ao ser humano, podendo ser considerado e sentir-se um adulto psicologicamente saudável, discorre que, o encontro do equilíbrio entre amor e disciplina, é uma das palavras chaves para definição do caminho a seguir, com experiências bem-sucedidas nessa jornada.

#### 2.1.3.6 Domínio IV: direcionamento para o outro

É importante para o desenvolvimento sadio que a criança aprenda à expressar suas necessidades e emoções, sem um medo indevido de represálias ou culpa. Para desenvolver um senso sadio de orientação para o outro, a criança precisa ter pais que a encorajem a expressar apropriadamente suas necessidades e respondam a essas necessidades sem indevida restrição, punição ou retirada de apoio (YOUNG, 2003).

De acordo com Young; Klosko e Weishaar (2008) esses sujeitos apresentam em excesso o atendimento às necessidades dos outros em lugar de suas próprias. Fazem-no para obter aprovação, manter a conexão emocional e evitar retaliações. Quando em interação com outras pessoas, tendem a se concentrar somente nas solicitações destas em detrimento de suas próprias necessidades e, por vezes, não tem consciência de sua raiva e de suas preferencias.

Não eram livres enquanto crianças para seguir suas próprias inclinações. Quando adultos, em lugar de se voltarem para si, voltam-se para fora e seguem desejos alheios. Sua família constituiu-se por características de aceitação condicional: as crianças devem restringir aspectos importantes de si mesmas para obter amor ou aprovação. Nessas famílias são valorizados pelos pais/cuidadores suas próprias necessidades emocionais, ou a aparência mais do que as necessidades únicas da criança, desenvolvendo neste domínio os esquemas abaixo apresentados no quadro (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

#### Quadro 4 - Esquemas desadaptativos associados ao 4º Domínio

##### 12. Subjugação

Submissão excessiva ao controle dos outros, pode sentir-se coagido, submetendo-se para evitar a raiva, a retaliação e o abandono. Indivíduos com esse tipo de esquema não validam seus desejos, opiniões e sentimentos acreditando que não importam para os outros. Apresentam-se com obediência excessiva, combinada com hipersensibilidade a sentir-se preso.

##### 13. Auto sacrifício

Indivíduos que focam excessivamente no cumprimento voluntário das necessidades de outras pessoas em situações cotidianas, à custa da própria gratificação. As razões mais comuns são: causar sofrimento a outros, evitar culpa por sentir egoísta, ou manter a conexão com outros percebidos como carentes.

##### 14. Busca de aprovação/busca de reconhecimento

Vivem em busca constante de obtenção de aprovação, reconhecimento ou atenção de outras pessoas, ou no próprio enquadramento, à custa do desenvolvimento de um senso de self seguro e verdadeiro. A autoestima depende muito das reações alheias, em lugar das próprias inclinações naturais. Dão ênfase exagerada ao status, aparência, aceitação social, dinheiro ou realizações como maneira de obter aprovação, admiração ou atenção.

Fonte: (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 30).

#### 2.1.3.7 Domínio V: supervigilância e inibição

Indivíduos que apresentam esquemas nesse domínio suprimem seus impulsos e sentimentos espontâneos e se esforçam para cumprir rígidas regras internalizadas com relação a seu próprio desempenho, à custa da felicidade, auto expressão, relaxamento, relacionamentos íntimos e boa saúde. A família foi severa com sujeitos com esquemas do quinto domínio, rígida e reprimida, onde o

autocontrole e a negação de si próprio sobressaíram sobre a espontaneidade e o prazer. Quando crianças, não foram estimuladas a ter momentos de lazer e a buscar a felicidade, e sim a estar supervigilantes em relação a eventos negativos na vida e a considera-la triste (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

As crianças precisam de estímulo para expressar sentimentos, impulsos e escolhas com espontaneidade. Não é saudável estarem constantemente vigiando-se para não cometer erros ou não cumprir regras e expectativas rígidas. Quando aprendem a supervigilância e a inibição, com frequência é a custa de sua felicidade, sua auto expressão, seu relaxamento, seu prazer, sua intimidade ou sua saúde (Young, 2003, p. 24).

O pessimismo e a preocupação são sensações constantes transmitidas por esses indivíduos, vivem temerosos que suas vidas possam ruir se não estiverem sempre em alerta nem forem cuidadosos o tempo todo, vivem em constante pressão em si mesmos não se permitindo novas percepções ou sensações, devido ao controle sobre si mesmo exagerado, conforme apresentado no quadro abaixo os esquemas do quinto domínio (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

#### Quadro 5 - Esquemas desadaptativos associados ao 5º Domínio

##### 15. Negativismo/pessimismo

Foco generalizado, por toda vida, em aspectos negativos (morte, sofrimento, perda, decepção, conflito, culpa, ressentimento, problemas não resolvidos, traição, algo que possa dar errado, etc.), enquanto minimizam ou negligenciam os aspectos positivos ou otimistas.

##### 16. Inibição emocional

Inibição excessiva da ação, dos sentimentos ou comunicação espontânea, em geral para evitar a desaprovação alheia, sentimentos de vergonha ou de perda de controle dos próprios impulsos.

##### 17. Padrões inflexíveis/postura crítica exagerada

Crença subjacente de que se deve fazer um grande esforço para atingir elevados padrões internalizados de comportamento e desempenho, via de regra para evitar críticas. Costuma resultar em sentimentos de pressão ou dificuldade de relaxar e



em posturas críticas exageradas com relação a si mesmo e a outros.

#### 18. Postura punitiva

Crença de que as pessoas devem ser punidas com severidade quando cometem erros. Envolve a tendência a estar com raiva e a ser intolerante, punitivo e impaciente com aqueles (incluindo a si próprio) que não correspondem às suas expectativas ou padrões.

Fonte: (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 30-31).

De modo conseguinte, acrescentam-se informações a respeito dos esquemas desadaptativos e suas implicações.

#### 2.1.3.8 Esquemas desadaptativos

Os EIDs são conjuntos de crenças nucleares referentes a temas centrais do desenvolvimento emocional. Eles estabelecem padrões comportamentais, cognitivos e emocionais para lidar com tais temas quando estiverem em pauta na vida do sujeito. Desenvolvem-se desde a tenra infância até adolescência e influenciam recorrentemente toda vida do sujeito, trazendo sofrimento ou prejuízo em diversos contextos (WAINER et al, 2016).

Experimentos de vida prejudiciais configuram a origem básica dos esquemas desadaptativos remotos. Os esquemas desenvolvidos mais cedo e mais fortes comumente se originam na família nuclear. Em ampla medida, as dinâmicas da família de uma criança são as dinâmicas de todo seu mundo remoto. Quando esses indivíduos se encontrarem na vida adulta em situações que ativam esses esquemas desadaptativos remotos, o que vivenciam é um drama da infância, geralmente com um dos pais. Sofrendo também influências da escola, amigos, grupos da comunidade da cultura que os rodeiam, tornando-se cada vez mais importantes à medida que a criança amadurece e podem ocasionar o desenvolvimento de esquemas (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Young; Klosko e Weishaar (2008, p. 25) apresentam em seu livro *Terapia dos Esquemas* quatro tipos de experimentos no início da vida que incitam a obtenção de esquemas.

A primeira delas é uma *frustração nociva de necessidades*, ocorrida quando a criança passa por muito poucas experiências boas e adquire esquemas como privação emocional ou abandono por meio de déficits no ambiente, no início de sua vida. O ambiente da criança carece de sensações importantes, como estabilidade, compreensão e amor. O segundo tipo de experiência de vida remoto que engendra esquemas é a *traumatização ou vitimização*. Neste caso, causa-se um dano à criança ou ela se transforma em vítima e desenvolve esquemas como desconfiança/abuso, defectividade/vergonha ou vulnerabilidade ao dano. No terceiro tipo, a criança passa por uma grande quantidade de experiências boas: os pais lhe proporcionam em demasia algo que, moderadamente, seria saudável. Com esquemas como dependência/incompetência ou arrego/grandiosidade, por exemplo, a criança raramente é maltratada. Em lugar disso, é tratada com demasia indulgência. Não atende as necessidades emocionais de autonomia ou limites realistas. Os pais podem estar exageradamente envolvidos na vida da criança, superprotege-la ou dar-lhe liberdade e autonomia sem limites. O quarto tipo de experiência de vida que origina esquemas é a *internalização ou identificação seletiva com pessoas importantes*. A criança identifica-se seletivamente e internaliza pensamentos, sentimentos, experiências e comportamentos dos pais.

O termo esquemas apresenta uma história especialmente rica na psicologia, mais acentuada na área do desenvolvimento cognitivo. Neste campo um esquema é um padrão imposto à realidade ou a experiência para ajudar os indivíduos a explicá-la, pra mediar à percepção e para guiar suas respostas. Esquema é uma representação abstrata das características distintivas de um evento, uma espécie de esboço de seus elementos de maior destaque (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Os esquemas, contudo, não decorrem necessariamente, de traumas ou maus tratos na infância, surgindo também a partir de experiências inadequadas na família nuclear. Decorrendo de experiências negativas, são centrais no aparecimento de transtornos da personalidade e em outras condições mentais (WAINER, 2016).

Em acervos da psicologia encontramos Piaget que mais se associa ao termo, onde escreveu em detalhes obre esquemas mentais em diferentes etapas do desenvolvimento cognitivo na infância. Na psicologia cognitiva, podemos também expor um esquema como um plano cognitivo abstrato que serve de guia para interpretar informações e resolver problemas. Na terapia cognitiva de Beck, em seus

primeiros trabalhos, referiu-se a esquemas, mas, no contexto da psicologia e da psicoterapia, em termos gerais, qualquer princípio organizativo amplo que um indivíduo use para entender a própria experiência de vida podendo ser considerado um esquema (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Importante salientar e dar relevância que os esquemas, que foram formados na infância (etapas iniciais da vida), tornam-se mais complexos e, depois, superpostos a experiências posteriores, mesmo quando não são mais aplicáveis. Essa coerência cognitiva assim pode-se dizer, é utilizada para manter um olhar imutável de si próprio e do mundo que o rodeia, mesmo que esteja distorcida ou não seja real (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Os esquemas iniciais desadaptativos se referem a temas extremamente estáveis e duradouros que se desenvolvem durante a infância, são elaborados ao longo da vida e são disfuncionais em um grau significativo. Esses esquemas servem como modelos para o processamento da experiência posterior (YOUNG, 2003, p. 15-16).

Desenvolvido geralmente na infância, podem estar no núcleo dos transtornos de personalidade, problemas caracterológicos mais leves e vários transtornos do Eixo I. De fora abrangente e mais explicativa um esquema é:

Um tema ou padrão amplo, difuso; formado por memórias, emoções e sensações corporais; relacionado a si próprio ou aos relacionamentos com outras pessoas; desenvolvido durante a infância ou adolescência; elaborado ao longo da vida do indivíduo; disfuncional em nível significativo. Em síntese, os esquemas desadaptativos remotos são padrões emocionais e cognitivos autoderrrotista iniciados em nosso desenvolvimento desde cedo e repetidos ao longo da vida (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 22).

Assim, em síntese, que se baseando nesta definição de esquemas, o comportamento de um sujeito não pertence ao esquema em si. Young teoriza que os comportamentos desadaptativos desenvolvem-se como respostas a um esquema. Sendo assim, os comportamentos são provocados pelos esquemas, mas não se constituem em partes deles como estilos de enfrentamento (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Ressaltam os autores, que não se deve generalizar que todos os esquemas fundamentam-se em traumas ou maus-tratos na infância. Podendo, uma pessoa

desenvolver um esquema de dependência/incompetência não vivenciando nenhuma ocasião traumática na infância, tendo sido uma criança totalmente abrigada e superprotegida. Entretanto, embora nem todos os esquemas possuam o trauma como origem, todos são destrutivos, e a maioria é causada por experiências nocivas repetidas regularmente durante a infância e adolescência. Todas as consequências das experiências vivenciadas nocivas relacionadas acumulam-se e, juntos, levam ao surgimento de um esquema (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Os EIDs apresentam várias características definidoras: a maioria dos esquemas iniciais desadaptativos são crenças e sentimentos incondicionais sobre si mesmo em relação ao ambiente. Os esquemas são verdades a priori, implícitas e aceitas como algo natural (YOUNG, 2003, p. 16).

Os esquemas lutam para sobreviver, devido seu surgimento ser resultado de uma necessidade instintiva que os seres humanos têm de coerência. O esquema em si, é o que o indivíduo conhece e com o que já está acostumada. Mesmo causando sofrimento, acabada tornando-se familiar e confortável, ele se sente bem. Sentindo-se inclusive atraídos por eventos que ativam seus esquemas. Isso acaba por dificultar a mudança dos esquemas. Os indivíduos com esquemas em qualquer domínio o consideram verdades absolutas, influenciando o processamento de experiências futuras, o que interfere de forma crucial como esses sujeitos pensam, sentem, agem e relacionam-se com os que os rodeiam (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Insensatamente, arrastam esses indivíduos a recriar, sem aviso, quando adultos, as condições da infância que lhes significaram mais danos. Como os esquemas começam no início da infância, conforme já citado aqui, acabam por significar representações do ambiente da criança em sua realidade. Sendo os esquemas são reflexos precisos do ambiente remoto desse indivíduo (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

A natureza disfuncional dos esquemas tende a aparecer em momentos posteriores da vida, quando os indivíduos continuam a perpetuar os esquemas que construíram nas interações com outras pessoas, embora suas percepções não sejam mais adequadas. Os esquemas desadaptativos remotos e as formas desadaptativas com que os indivíduos aprendem a enfrenta-los inúmeras vezes estão por trás de sintomas crônicos do Eixo I,

como ansiedade, depressão, uso de drogas e álcool e transtornos psicossomáticos (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 23).

Os esquemas são auto perpetuadores, portanto, muito resistentes a qualquer alteração. Quando se desenvolvem cedo na existência do indivíduo, comumente, compõem o núcleo do autoconceito da pessoa e de sua concepção de ambiente. Esses esquemas são confortáveis e familiares e, quando contestados, o sujeito vai distorcer informações para manter a sua validade. A ameaça de mudança esquemática é muito perturbadora para a organização cognitiva (YOUNG, 2003).

As origens dos esquemas surgem de necessidades emocionais fundamentais não satisfeitas na infância e adolescência, fases do desenvolvimento da personalidade. No livro *Terapia dos Esquemas* de Young; Klosko e Weishaar (2008, p. 24), relacionam cinco necessidades emocionais fundamentais para os seres humanos, conforme abaixo citado:

- 1- Vínculos seguros com outros indivíduos (inclui segurança, estabilidade, cuidado e aceitação);
- 2- Autonomia, competência e sentido de identidade;
- 3- Liberdade de expressão, Necessidades e emoções válidas;
- 4- Espontaneidade e lazer;
- 5- Limites realistas e autocontrole.

Defendem a ideia que essas necessidades são universais: todos os indivíduos as têm, apesar de que uns apresentam maiores necessidades que outros. Um sujeito saudável psicologicamente caracteriza-se por conseguir satisfazer de forma adaptativa as necessidades emocionais fundamentais. As necessidades básicas da criança em interação com seu ambiente e seu temperamento (que é inato), resulta na frustração em lugar de gratificação (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Os EIDs comumente estão muito ligados a altos níveis de afeto, quando ativados, do que a suposições subjacentes. Por exemplo, quando alguns indivíduos descobrem que mantém a suposição de que coisas realmente más só acontecem para pessoas más, raramente rompem em lágrimas ou tremem de ansiedade (YOUNG, 2003).

Na *Terapia dos Esquemas* o autor não pressupõe que as crianças se identifiquem e internalizem tudo o que os pais fazem; em vez disso, observam que

elas se identificam e internalizam seletivamente certos aspectos de pessoas que são importantes. Algumas dessas identificações e internalizações se tornam esquemas (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Acreditamos que o temperamento define em parte se um indivíduo irá se identificar e internalizar as características de uma pessoa importante. Por exemplo, é provável que uma criança com temperamento distímico não internalize o estilo otimista de um de seus pais para lidar com o infortúnio. O comportamento do pai ou da mãe é tão contrário a disposição do filho que este não pode assimilá-lo (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 26).

O temperamento emocional interage com episódios dolorosos da infância no desenvolvimento de esquemas. Diferentes temperamentos expõem, de maneira seletiva, as crianças a diferentes circunstâncias de vida. Além disso, diferentes temperamentos tornam as crianças distintamente suscetíveis a diferentes circunstâncias da vida. Isso é o mesmo tratamento aplicado pelos pais/cuidadores por parte das crianças, onde duas crianças podem reagir diferente (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Enfim, os esquemas iniciais desadaptativos parecem ser o resultado do temperamento inato da criança interagindo com experiências disfuncionais dos pais/cuidadores, irmãos e amigos durante os primeiros anos de vida. Causados por padrões continuados, de experiências nocivas cotidianas com membros da família e outras crianças, que cumulativamente reforçam o esquema. Por exemplo, uma criança que é repetidamente criticada do seu desempenho escolar não atinge o padrão parental fica propensa a desenvolver esquema de fracasso (YOUNG, 2003).

#### 2.1.3.9 Os esquemas e sua biologia

Nesta sessão, apresentamos uma visão biológica dos esquemas, que foram embasadas em pesquisas recentes referentes emoção e biologia do cérebro. Realçamos que se trata de hipóteses sobre possíveis mecanismos de desenvolvimento e modificação de esquemas, já que ainda não se concretizaram pesquisas para fundar se estas suposições são validas. Porém, pesquisas

atualizadas sugerem que não existe apenas um sistema emocional no cérebro, e sim, diversos (LEDOUX apud YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Diferentes emoções relacionam-se com distintas funções de sobrevivência – como responder ao perigo, encontrar comida, fazer sexo e encontrar parceiros, cuidar dos filhos, estabelecer laços sociais, - e cada uma delas parece mediada por sua própria rede cerebral (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 38-39).

Em momentos de transição do século XIX para o XX, foram apresentadas as derradeiras teorias neuropsicológicas das emoções, com destaque aos sentimentos de William James e Carl Lange, para os quais a experiência emocional individual constituiria em aparições comportamentais e fisiológicas (ou seja, se sorri é porque se está alegre), bem como às ideias de Phillip Barde Walter Cannon que estabeleceram que o Sistema Nervoso Central determinasse tanto a experiência subjetiva quanto as aparições fisiológicas e comportamentais (ESPERIDIÃO et al, 2007).

Os sistemas cerebrais relacionados ao condicionamento do medo e trauma, em estudos sobre a biologia do cérebro apontam partes onde pode ocorrer acionamento de esquemas baseados em eventos traumáticos de infância, como abandono ou abuso. Em resumo da pesquisa sobre a biologia das memórias traumáticas, escreve:

Durante uma situação de aprendizagem traumática, as memórias conscientes são estabelecidas por um sistema que envolve o hipocampo e as áreas corticais relacionadas, ao passo que as memórias inconscientes são estabelecidas por mecanismos de condicionamento do medo que operam por meio de um sistema baseado nas amígdalas. Esses dois sistemas operam em paralelo e armazenam diferentes tipos de informação relacionada à experiência. Quando os estímulos presentes durante o trauma inicial são encontrados mais tarde, cada sistema é potencialmente capaz de recuperar suas memórias. No caso do sistema amigdalino, a recuperação resulta na expressão de respostas corporais que preparam para o perigo e, no caso do sistema do hipocampo, ocorrem lembranças conscientes. Dessa forma, os mecanismos cerebrais que registram, armazenam e recuperam memórias da importância emocional de um evento traumático diferem dos mecanismos que processam memórias e cognições conscientes sobre o mesmo evento. A amígdala armazena a memória emocional, enquanto o hipocampo e o neocórtex armazenam a memória cognitiva. As respostas emocionais podem ocorrer sem a participação de sistemas de processamento superior do cérebro, envolvidos no pensamento, no raciocínio e na consciência (LEDOUX apud YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 39).

Utilizando destas pesquisas algumas implicações possíveis para teoria dos esquemas, desenvolvemos um esquema com um conjunto de memórias, emoções, sensações corporais e cognições que giram em torno de um ponto na infância. Pode-se definir a biologia cerebral de um esquema da seguinte forma:

Quando um indivíduo encontra estímulos reminiscentes dos eventos da infância que levaram ao desenvolvimento do esquema, as emoções e sensações corporais associadas ao evento são ativadas inconscientemente pelo sistema amigdaliano: se o indivíduo está consciente delas, as emoções e sensações corporais ativam-se mais rapidamente do que as cognições. Essa ativação das emoções e sensações corporais é automática e, provavelmente constituirá uma característica permanente da vida do indivíduo, embora o grau de ativação possa ser reduzido com a cura do esquema. Por sua vez, as memórias e as cognições conscientes associadas ao trauma armazenam-se no sistema hipocampal e nos córtices superiores (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008, p. 41).

Esperidião et al (2007) apresenta que os sistemas das emoções parecem estar organizados em rede; onde não existem elementos que digam como ele funciona especificamente, ou seja, todos os meios desempenham papéis de desencadeamento semelhantes entre si. Compreendendo-se assim, que esses sistemas dependem da uniformidade de seus componentes de uma maneira complexa, não hierárquica, necessitando de mais estudos e esclarecimentos a respeito.

Devido ao fato de aspectos emocionais e cognitivos da experiência traumática vivenciada, localizarem-se em diferentes sistemas cerebrais, pode-se explicar a impossibilidade de se alterarem os esquemas por meio do método cognitivo simples. Além disso, os componentes cognitivos de um esquema, muitas vezes, desenvolvem-se mais tarde, após as emoções e as sensações corporais já estiverem registradas na amígdala (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

As emoções mais “primitivas” e bem estudadas pelos neurofisiologistas – com a finalidade de estabelecer suas relações com o funcionamento cerebral – são a sensação de recompensa (prazer, satisfação) e de punição (desgosto, aversão), tendo sido caracterizado, para cada uma delas, um circuito encefálico específico (ESPERIDIÃO, 2007, p.58).



Vários esquemas se desenvolvem em uma etapa pré-verbal, originando-se antes que a criança adquira a linguagem. Os esquemas pré-verbais aparecem quando a criança ainda é muito pequena e tudo que está armazenado são memórias, emoções e sensações corporais. As cognições aparecem posteriormente, quando a criança começa a pensar e falar palavras. Sendo assim, as emoções têm primazia em relação às cognições no trabalho com muitos esquemas (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Quando se ativa um esquema desadaptativo remoto, o indivíduo é inundado por emoções e sensações corporais. A pessoa pode conectar conscientemente ou não as emoções e sensações corporais à memória original. As memórias encontram-se no coração dos esquemas, mas, via de regra, não estão explícitas na consciência, mesmo sob a forma de imagens (YOUNG; KLOSKO e WEISHAAR, 2008).

Um entendimento global referente às bases biológicas e as influências diferenciadas tanto nas aprendizagens diretas como daquelas obtida pelos exemplos dos pais/cuidadores desde o nascimento até a adolescência. A terapia dos esquemas destaca a complexidade intrínseca a constituição de uma identidade individual funcional aos mais diversos contextos. Também denota a intensa tarefa de pais/cuidadores e familiares, uma vez que a cada um dos cinco momentos críticos do desenvolvimento da criança (DEs) há de se fornecer necessidades emocionais distintas e com graus diferenciados de acordo com a própria natureza do filho (WAINER et al, 2016).

#### 2.1.3.10 O papel da família e dos cuidadores para terapia dos esquemas

A influência principal dos pais/cuidadores e familiares em geral sobre a evolução saudável psicológica ou patológica da criança é bem definida pela TE Young; Klosko e Weishaar apud Wainer et al (2016). Ao mesmo tempo, que reconhece que cada sujeito é único apresentando uma arquitetura psíquica, produzida pela interação entre temperamento, nível de necessidades emocionais básicas e interações com o ambiente, a consequência dos cuidados maternos e paternos nos primeiros anos de vida foi focado com a importância devida.

Desse modo, pais/cuidadores de um sujeito assumem papel indispensável sobre a inclinação de desenvolver altos níveis de resiliência para lidar com as demandas da vida. O fornecimento de doses equilibradas (ou no mínimo satisfatórias) de apego, carinho, segurança, conforto emocional e capacidade acalmar as ansiedades e impulsividades da criança com limites e direcionamentos, serão muito significativos em sua estabilidade emocional, aonde a criança irá levar essa base segura para toda sua vida (WAINER et al, 2016).

Com a virada do século o conceito de gerações recupera seu espaço nas análises sociológicas que indicam que não somente as diferenças de classe, mais ainda as desigualdades de gênero, étnico-raciais, culturais e geracionais. Vivemos ainda em um momento em que a reconstrução das trajetórias sócias das gerações anteriores torna-se imprescindível para a análise e compreensão das ações coletivas empreendidas pelas novas gerações, bem como dos desafios que as mesmas enfrentam (MOTTA; WELLER, 2010, p. 175).

A cultura e a importância da relação entre o suprimento das necessidades básicas de cada indivíduo por pais/cuidadores (em especial das mães na tenra infância dos filhos) é enfatizada na Terapia dos Esquemas. Afeto, cuidado, responsabilidade, tranquilidade e empatia suprem a infância como matéria prima essencial para saúde mental, as famílias contribuem com isso para formação de padrões futuros de personalidade ao fornecerem modelos de como lidar, tanto em termos comportamentais como afetivos, com situações corriqueiras do dia a dia (WAINER et al, 2016).

A teoria subjacente a TE trouxe um entendimento global sobre as bases biológicas e as influências diferenciadas tanto das aprendizagens diretas como daquelas obtidas pelos exemplos dos pais e demais cuidadores desde o nascimento até a adolescência. A Terapia dos Esquemas enfatiza a complexidade inerente à construção de uma identidade pessoal funcional aos mais diferentes contextos. Também denota a árdua tarefa de ser pai e mãe, uma vez que a cada um dos cinco momentos críticos do desenvolvimento da criança (Des) há de se fornecer necessidades emocionais distintas e com graus diferenciados de acordo com a própria natureza de cada filho (WAINER et al, 2016, p. 25).

Millon apud Young (2003) enfatiza as persistentes influências das experiências iniciais negativas. Apesar de algumas experiências vivenciadas pela criança na infância jamais voltar a ocorrer, seus efeitos irão permanecer deixando

marcas. Eles ficam registrados como lembranças, um traço permanente e um estímulo interno incrustado. Uma vez registrados, os efeitos do passado são permanentes, incessantes e inescapáveis. Os resíduos do passado fazem mais do que contribuir passivamente com sua parcela para o presente, eles orientam, moldam ou distorcem o caráter dos acontecimentos correntes.

O histórico familiar e cultural, priorizados na terapia dos esquemas são imprescindíveis na busca de subsídios dos laços familiares e estilos parentais, de onde nascem as raízes dos esquemas. No inventário parental de Young, trata-se de um dos meios básicos para identificar as origens dos esquemas na infância. O IPY é um questionário de 72 itens nos quais os respondentes classificam seus pais e suas mães, enfim, seus cuidadores segundo uma série de comportamentos que, contribuem com a origem dos esquemas (WAINER et al, 2016).

Certo e errado são termos muito determinantes, que concluem uma visão maniqueísta do mundo. O que é correto para uns pode não se para outros e vice-versa. Entretanto, sem que se percam de vista estas variações pessoais, parece-me que existem algumas coisas em que na maioria, se não todas as pessoas, está de acordo. Porém, em geral concordamos em muitos casos sobre o que é certo ou errado, o que é ou não educado, polido, sobre o que deve ou não ser ensinado aos filhos (ZAGURY, 2015).

A sociedade tem sofrido intensas e profundas transformações nos vários níveis que a compõem: econômico, cultural, de valores, etc. O grupo familiar, por conseguinte, acompanha essas transformações. Nas três últimas décadas, vem acontecendo uma transformação da configuração da família, com mudanças nos padrões de funcionamento entre seus membros, principalmente no que diz respeito às famílias reconstituídas. A coexistência na sociedade de diferentes arranjos familiares modificou o conceito de família e provocou um processo de assimilação e formulação de novos valores e práticas nessa instituição. A passagem de um modelo a outro tem exigido dos membros da família uma adaptação às mudanças de relacionamento, nos papéis da organização e estrutura familiar, assim como das respostas que esta passou a dar às demandas do ambiente (ZAMBERLAN apud MONDIN, 2008, p. 2).

Por meio da história de vida que abrange a trajetória do ser humano, vários aspectos sociais, humanos e familiares compõe esse ciclo. Comportamentos adquiridos, emoções reprimidas e defesas projetam o indivíduo para o mundo real. O que são ou se tornaram abrange o meio familiar em que estiveram inseridos esses

indivíduos, diversas respostas comportamentais inter-relacionam-se com o modo da educação recebida, assim é de geração em geração (SANTOS et al, 2011).

A prole necessita de cuidados e direcionamentos, cabendo a pais/cuidadores e familiares o dimensionamento das práticas educativas, compondo o ambiente onde a criança vai viver e estabelecer modos e limites das interações entre pais/cuidadores e filhos bem como com o restante dos familiares e a sociedade em geral. Os primeiros anos de vida do bebê ficam como tarefa dos pais/cuidadores e familiares ao seu desenvolvimento saudável, manter convivência e as trocas afetivas entre seus membros, condições para formação da identidade e transmissão de valores (BIASOLI-ALVES apud CASSONI, 2013).

Sempre que pais/cuidadores e familiares percebem que seus filhos ainda não interiorizaram certas normas e regras de convívio social que revelam a apreensão dos conceitos de civilidade, respeito ao próximo, honestidade. Momentos esses que serão muitos. Porque se pararmos para raciocinar que todos esses comportamentos são convenções sociais, que variam inclusive de sociedade para sociedade, podemos assim compreender que as crianças desconhecem esses saberes, que é um saber adquirido, uma aprendizagem social. E que pais/cuidadores e familiares passam a serem os principais responsáveis por esses ensinamentos (ZAGURY, 2015).

## 2.2 METODOLOGIA

Os procedimentos nos quais este estudo foi realizado satisfizeram aos princípios éticos, conforme previsto pela Instituição de Ensino e especificamente de acordo com os parâmetros do Curso de Psicologia da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe, de forma que foram delineadas estratégias e meios para a realização da mesma.

Neste trabalho de conclusão de curso, utilizou-se de pesquisa bibliográfica de enfoque descritivo. Constituindo que, na pesquisa qualitativa o fenômeno pode ser mais bem analisado quando no seu contexto de ocorrência e de qual é a parte para

uma avaliação integral. Sendo uma das probabilidades de trabalho a ser feita com seres humanos e suas relações sociais em diferentes ambientes.

Neste sentido, Godoy (1995-2, p. 58) apresenta que a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada”. Ainda assegura que a pesquisa qualitativa não arrola ou afere os acontecimentos, mas tem início em questões de interesses amplos, sendo determinados à medida que o estudo é feito.

A presente pesquisa se refere a uma revisão bibliográfica que, de acordo com Gil (2007, p. 65) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Este tipo de pesquisa também é caracterizado como uma pesquisa explicativa, Gil (2007, p.47) diz que “pesquisas explicativas, são aquelas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos”.

De acordo com Martins (2000) quando o estudo é do tipo bibliográfico, trata-se de um estudo para conhecer as contribuições científicas sobre determinado assunto. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas já existentes sobre determinado assunto.

Estudos qualitativos são estudos abrangentes ligados aos conjuntos maiores ajudando a compreender os elementos da pesquisa relevando suas limitações consideradas com opções na definição de alternativas das investigações. Só tem sentido dentro de um enfoque epistemológico na qual são elaborados ou utilizados (ALVARENGA; ROSA, 2001, p. 33).

Mediante isso, este estudo foi desenvolvido através de coleta de dados documental, levando em conta a análise de informações publicadas em livros, artigos científicos e meios eletrônicos. Nas quais se permitiu avaliações necessárias para identificar à temática dos efeitos nocivos na falta de limites na educação infantil, partindo do cerne da falta de limites e a importância das práticas educativas e estilos parentais, utilizando a Terapia dos Esquemas que valida à seriedade do assunto, como essa terapia é uma ampliação da TCC fundamentou-se a teoria para melhor entendimento. Apresentam-se ainda, sugestões para o resgate do equilíbrio entre amor e limites.

Segundo Marconi; Lakatos (2009), nenhuma pesquisa parte da estaca zero, o pesquisador busca fontes de pesquisas já existentes, documentais e bibliográficas. E com citação das principais conclusões a que outros autores chegaram, permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrando contradição ou reafirmando comportamentos e atitudes.

Na delimitação do universo utilizou-se como base a infância, Oliveira (2002) refere-se ao universo ou população de uma pesquisa baseado ao assunto a ser investigado, e a amostra, porção ou parcela do universo, que realmente será submetida à verificação, é obtida ou determinada por uma técnica específica de amostragem.

Em seguida, a análise dos dados ocorreu a partir da coleta documental, a luz do referencial teórico empregado na pesquisa. Que segundo Souza Junior et al (2010, p. 34) a análise de dados apresenta como objetivo compreender o que foi coletado, “confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar a compreensão de contextos de para além do que se pode verificar nas aparências do fenômeno”.

Para análise e discussão do assunto, neste Trabalho de Conclusão de Curso descreveram-se alguns depoimentos de casos, bem como, implicações prejudiciais ocasionadas pela insuficiência, ou mesmo a falta, de limites e regras na infância. Pesquisados por autores aqui já citados e outras fontes que corroboram para confirmação dos efeitos nocivos causados pela falta de limites e regras na construção do indivíduo, ocasionando características peculiares a cada indivíduo, porém, muito semelhantes, podendo originar esquemas desadaptativos, que, servirão de guia para interpretar informações e resolver problemas.

### 2.3 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Cresce significativamente queixas encontradas em escolas, rodas de conversas, entre pais/mães/cuidadores e familiares o tema é quase sempre o mesmo, à falta de limites e regras na atual geração. Encontramos críticas, ênfases criteriosas acerca de certos comportamentos encontrados no dia a dia de crianças e adolescentes.

Deparando-se com a geração dos veteranos (autoritários), esses por diversas ocasiões se mostram assombrados com a direção que está caminhando a geração de seus netos. Por outro lado, encontramos pais/cuidadores e familiares (geração *Boomers*, indulgentes), perguntando-se onde erraram ou o que podem fazer agora. Com sentimentos de fracasso, culpa, que, muitas vezes nem conseguem reconhecer o que estão sentindo, referente a essa massa avassaladora que já se faz presente com tanta autonomia, porém, ao mesmo tempo perdidos em relação de onde chegar.

Zagury (2015) acredita que o problema está, em que o foco, que na época dos veteranos (autoritários) era a educação severa, a partir disso na geração dos *Boomers*, passou a ser de incondicional zelo à criança, mas não para que ela tornasse socializada, e sim para fazê-la livre e feliz.

Relembra-se como especificado no item 2.1.1.1 deste trabalho, que essa mudança nos estilos de educação parental acarretou efeitos impróprios no dia a dia e, pior, consequências graves para o futuro. Assim, o que a criança, queria, gostasse, pensasse e desejasse virou prioridade, sob influência desta visão deturpada. Para dar tudo o que não tiveram, os papais *Boomers*, começaram a deixar a critério da criança praticamente tudo. Em pouco tempo, a vida virou uma bagunça. Afinal, que criança quer ir dormir em vez de jogar joguinho no computador? Qual a criança quer escovar os dentes antes de dormir? Qual a criança que quer comer verduras e não chocolate?

A autora Zagury (2015, p. 101), não recrimina o incentivo a criatividade, muito menos o carinho oferecido aos filhos como vínculo seguro, diz ela:

Foi bom para as gerações X e Y terem tido tanta atenção e liberdade para dialogar, definir o que queriam e o que não queriam – *mas isso só é relevante e revolucionário* se estivermos falando em questões fundamentais da vida. Foi positivo. Essa geração pode fazer colocações, tem liberdade para escolher o que querem fazer na vida e o que querem ser. E isso não é pouco tratando do indivíduo.

Para convivência social, seja esse um pai, mãe, irmão, enfim, um familiar ou colega, necessitamos de disciplina, respeito ao espaço do outro, até onde posso chegar e até onde os outros podem ir. A confusão se deu na disciplina aplicada

pelos veteranos (autoritários) com uma repulsa de obediência cega às ordens superiores, sem nenhuma demonstração de afeto e respeito pela criança como ser de direitos, somente vista como ser de deveres. Acabando por, instituírem um novo estilo de educação, onde as crianças passam a representarem seres de direitos e poucos deveres.

Todavia, essa experiência trouxe como consequências acrescenta Zagury (2015, p. 101):

Uma inequívoca exacerbação do ego de boa parte desses jovens criados nessa perspectiva de tanto poder. Surgindo até uma expressão pelos por essa própria geração, engraçada em relação a isso: “*Ah, ele se acha*”, ao se referirem quando um grupo não percebe “baseado em que” se apoia o tal narcisismo. Será que era isso que os *Boomers* chamavam de convivência harmônica e igualitária? Não estarão seus filhos mais individualistas, voltados para si e para sua satisfação pessoal? A capacidade de amar o outro foi de fato ampliada? A empatia é maior hoje? Ou o que cresceu foi o egocentrismo?

Vamos analisar juntos, você e eu. Observe, continua Zagury (2015, p. 101-102):

Parte das crianças de hoje se sente à vontade para responder ou não; conversar com as visitas, parentes e professores. Adolescentes se negam a conversar simplesmente dizendo aos pais “*não quero falar sobre isso*”, ainda que seja algo errado que fizeram... Sei, claro, *não todos*... Aliás, por isso esta escrito “parte”. Sei que isso não ocorre com todos. Sempre há perigo nas generalizações. Mas que *boa parte* passou a agir e a pensar assim, não tenho a menor dúvida. Atitude, aliás, comprovada por estudos.

A Revista Claudia apresenta uma reportagem onde descreve que: Jovens “difíceis”. Famílias que oscilam entre o castigo e a omissão. Educadores que, sem conseguir dar aulas, culpam os pais. Quem já se sentiu no meio desta batalha? O Brasil é recordista no quesito tempo perdido em classe para combater a indisciplina, segundo a Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizado (Talis, na sigla em inglês), respondida por professores de 32 países. Em média, os educadores perdem 20% do período de aula com problemas desse tipo – o padrão internacional é 13%. Os números mostram, ainda, que a indisciplina existe em todas as faixas etárias,



mas se acentua nos últimos anos de ensino fundamental, quando os alunos têm entre 11 e 14 anos (NICOLIELO, 2016, p. 165).

Acrescenta que no Colégio Atuação na cidade de Curitiba/PR, criaram como diferencial em sua grade curricular, palestras e encontros de formação para pais/responsáveis e familiares. Devido, as queixas constantes de pais/cuidadores e familiares que se sentem despreparados, que não sabem o que fazer em relação à indisciplina dos filhos. Ou, os pais/cuidadores e familiares acabam por serem vencidos no cansaço ou aplicam punições exageradas que acabam por não serem cumpridas conforme imposto aos filhos.

Ainda nesta reportagem, coordenadora da Associação pela saúde Emocional de Crianças, Miriam Guimarães, diz, que sabe que não é fácil educar crianças e adolescentes. Por isso, oferecem apoio especializado, para pais/responsáveis e cuidadores conseguirem mais instrumentos para desempenhar sua função. “Pais são pais, não são amigos dos filhos. Isso não exclui a necessidade de respeito, afeto e amizade. Significa apenas que os papéis precisam ser redefinidos e reassumidos”.

Tiba apud Chisté et al (2012) ressalta, que não distante, vemos também que os grandes responsáveis pela educação das crianças e jovens são a família e a escola que o que parece não estão sabendo cumprir o seu papel. O que se observa hoje é a falência da autoridade dos pais/cuidadores e familiares em casa, do professor em sala de aula, do orientador na escola.

Uma das fortes razões que levam a isso é exatamente essa liberdade exagerada que acabou suprimindo qualquer nível de hierarquia nas famílias atuais, expõe Zagury (2015, p. 104):

Ou não acabou, mas inverteu a ordem: hoje há crianças de 4 a 5 anos que “mandam” nos pais, na casa, na família. É o pequeno tirano. Se não Olmandam totalmente na infância, podem demonstrar esse descompromisso total com a hierarquia mais tarde, na adolescência ou já adultos, deixando, por exemplo, de falar com os pais, só porque se aborreceram por alguma crítica que lhes fizeram no exercício da função parental, ou até cortando relações de vez, sem medo ou remorso.

Consegue-se perceber até onde pode chegar às consequências na permissividade exagerada, sem distinguir que se está lidando com seres inacabados, deixando-os a seu bel-prazer, seguindo apenas instintivamente, não

conhecendo o que esta por vir devido à falta de capacidade estrutural e conceitual do que estão fazendo.

Parece mentira? Exagero? Leia o depoimento que segue, é um dos muitos que a autora gravou para seu livro (Filhos mimados, pais negligenciados: efeitos colaterais da educação sem limites), pais/cuidadores e familiares perplexos decorrentes principalmente da falta de autoridade ou da falta de objetivos claros, continua Zagury (2015, p. 105-106):

*“Eu tinha combinado uma visita à casa do nosso filho, para vê-lo e para brincar com nossa neta, que tem 1 ano e meio. Sempre fazíamos isso e ficávamos hora e meia, duas no máximo – para não incomodar. Fazia nem meia hora que nos faláramos pelo telefone – ele já me dissera que deveríamos fazer isso sempre, antes de ir, como se eu ou meu marido já tivéssemos ido sem avisar! Mas, enfim, a gente vai aceitando certas coisas porque sabe que não tem jeito mesmo, né? É isso ou não ver mais... Chegando lá, espanto! Nem ele nem minha nora estavam! Sabiam que íamos e tinham saído! A empregada informou que tinham ido “malhar”, a neta estava dormindo, mas que poderíamos esperar. Acho que ela ficou com pena da minha cara de tacho e, por isso, completou: não fique triste, eles só levam duas horas no máximo! Fomos embora na hora, claro, mas fui chorando a mais não poder! A empregada teve muito mais sensibilidade que eles dois! Duro de aguentar! Não pensei que isso aconteceria. Ainda mais que ele é sempre elogiado por todos, e a nora também, pelo jeito educado de ambos. Será que pensam que a gente não sente nada, não espera nada, nem um tico de consideração? Demos tanto amor, atenção, carinho... É muito egoísmo, sair e deixar a gente esperando. Eu jamais faria isso com ninguém e ele sabe disso, tenho certeza!”* (Relato de S.T.A., 57 anos, casada, arquiteta, um casal de dois filhos, duas netas).

A partir disto, percebe-se que características expostas no item 2.1.2, não geraram aos pais da geração *Bommers* (indulgentes) reciprocidade de relação. E, sim, decepção e perplexidade acerca de expectativas não atendidas, o que esperavam e o que veem hoje em seus filhos. Servindo de alerta aos pais da atualidade, referente à inequívoca relação entre o que se faz no presente ao educar e o que gera no futuro.

Há hoje, no Brasil e em outros países também, jovens que, de tanto mimo e superproteção, acham sempre razão para não definirem a vida. Cresceram escutando a típica frase que: Hoje em dia os jovens tem que escolher a carreira tão cedo, tadinhos! Não da para saber tão cedo o que querem da vida! Atualmente, quem tem entre 50 a 60 anos de idade, fizeram essa escolha muito mais cedo e não tinham muito que optar. Veja a seguir mais um depoimento:

“Meu filho parou de estudar depois que acabou o Ensino Fundamental. Tentei de tudo para convencê-lo a fazer o Ensino Médio, mas não consegui. Ele não quis. Não concordou de jeito nenhum. Vivo preocupado, sou separado, não ganho muito, sou professor e fico meio desesperado, porque agora ele nem estuda, nem trabalha, vive enfiado no quarto, fuma, bebe pra caramba. Acho que até usa outras coisas, não sei, ele não gosta que eu toque nesse assunto... Se eu tento falar disso, ele tem um ataque, me manda sair do quarto dele. Fica dias de cara amarrada. Já aluguei um apê para ele, porque esta difícil conviver, com mesada e tudo, mas ele voltou três meses depois e me disse que não queria ter que se preocupar em pagar as contas... E olha que era com o dinheiro da mesada que eu dou e do cartão que eu pago! Quando tento conversar sobre estudos, ele diz que não encontrou nenhuma profissão que o atraísse. Sair ele sai, mas em geral só a noite, vai a boates, tem alguns amigos, mas vejo o tempo passar, e já fez 19 anos! Tentei arranjar emprego para ele, até consegui com amigos duas vezes, mas ele na hora agá disse que não ia, porque o salário era ridículo! O que ele esperava não sei, só tem o Fundamental... Só sei que estou ficando louco e não sei como sair dessa.” (J.C.M.S., professor de Matemática, 58 anos, separado, um filho). (ZAGURY, 2015, p. 116).

Diversas são os efeitos gerados na falta de uma delimitação de onde e mais importante ainda, como se chegar a algum lugar. A construção da personalidade, exposta no item 2.1.3.1, nos assegura que parte nasce com o indivíduo (inato) seu temperamento, porém, de fundamental importância à construção no meio em que vive. Podendo apresentar prejuízos danosos em si, e aos que os rodeiam que, conforme os dois depoimentos acima mencionados.

Outras fontes como Samalin; Jablow apud Chisté et al (2012) defendem que pais/cuidadores e familiares enfrentam dificuldades em estabelecer limites para o comportamento das crianças e adolescentes, muitas vezes não tendo uma opinião definida sobre um problema em questão. Podendo apresentar sentimentos conflitantes nessas situações por não terem certeza do que sentem ou por não estarem dispostos a enfrentar o descontentamento da criança se dissermos não.

Refletindo sobre isso, não existiu aqui intenção de julgamentos das inseguranças e dúvidas que os pais/cuidadores e familiares expõem em relação a como educar seus filhos, e sim arrolar os efeitos que no momento dessas dúvidas podem gerar a curto e longo prazo na vida cotidiana. Quando pais/cuidadores e familiares acreditam no que defendem independente de estarem certos ou errados devem seguir em frente e estabelecer seus critérios com segurança, como formadores de opiniões e comportamentos. Isso que determinará qual a relação que as crianças terão em suas futuras situações, como, acadêmicas, resolução de problemas, equilíbrio emocional, pessoal e profissional, entre outras.

Tomazi (2014, p. 6) acrescenta que a criança que não aprende a ter limites cresce com uma deformação na percepção do outro. As consequências são muitas e, frequentemente, bem graves, como por exemplo, desinteresse pelos estudos, falta de concentração, dificuldade em suportar frustrações, falta de persistência, desrespeito pelo outro, colegas, irmãos, familiares e autoridades. Podem, muitas vezes, serem confundidas com crianças hiperativas, pois, de fato, iniciam um processo que pode assemelhar-se a esse distúrbio neurológico. Muito provavelmente, trata-se da hiperatividade verdadeira situacional, pois, de tanto fazer tudo, de tanto ampliar seu espaço sem aprender a reconhecer o outro como ser humano, essa criança tende a desenvolver características de irritabilidade, instabilidade emocional, redução de capacidade de concentração e atenção, derivadas, como vimos, da falta de limites e da incapacidade crescente de tolerar frustrações e contrariedades.

Na geração de adultos e jovens de hoje, no Brasil, existe um grupo de jovens que não estudam, nem trabalham. É a famosa geração Nem-Nem (nem estuda, nem trabalha), conforme descreve abaixo Zagury (2015, p. 118-119):

Dados recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), baseados na PNAD (Pesquisa Nacional por amostra de Domicílio) 2012, mostram que o número de jovens de 15 a 29 anos que não estudam e nem trabalham chegou a 9,6 milhões. Esse número – o que representa 19,6% da população desta faixa etária – é maior do que a população do Estado de Pernambuco, que, de acordo com o Censo 2010, era de 8,7 milhões de pessoas! A Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontou em 2014, entre as tendências globais de empregabilidade, o aumento de jovens “Nem-Nem”, ou, na sigla internacional, os NEET (*neither in employment, nor in education or training*) - aqueles que não participam do mercado de trabalho e tampouco estão ampliando sua formação e qualificação.

Acrescenta ainda Zagury (2015) que já existe além da Geração Nem-Nem, infelizmente surge, à geração Des-Des (despreparados e desmotivados). São adultos jovens, que acreditam que poderiam e deveriam ser felizes para sempre, o tempo todo, em todos os momentos da vida pessoal, afetiva e profissional, e que, só para começar, descobrem que nenhum trabalho, por mais que a gente ame o que faz, tem somente momentos felizes de realização e aprovação unânime. Como nenhuma relação afetiva será sempre sem discussões, sem desentendimento, mau humor ou desencontro de vontades.

Quando isso, não origina implicações mais graves. O Relato abaixo nos traz evidências assustadoras que fazem correlação ao item arrogo/grandiosidade, indivíduos que acabam por ganhar tudo quando crianças não recebem do meio que

vivem quando adultos a mesma condição de benefícios, crescendo muitas vezes com dificuldades em controlar a emoção, também no item 2.1.3 a Terapia dos Esquemas vem dar subsídio a este tópico apresentando tratamento com resultados positivos para indivíduos com sintomas crônicos do Eixo I, como ansiedade, depressão, uso de drogas e álcool e transtornos psicossomáticos.

Muitas vezes, há os que, diante do mundo não se curvar ao que desejam, acabam inadaptados à vida, ao trabalho, aos relacionamentos podendo gerar depressão, a marginalização (uso abusivo de drogas, álcool, roubo) ou, também muito mais grave, tornando-se sujeitos desadaptados no círculo social e até mesmo no mundo, como apresenta a seguir (ZAGURY, 2015, p. 120-121):

Não é a toa que índices de suicídio entre jovens vêm crescendo assustadoramente, inclusive nos países de Primeiro Mundo. Uma das causas é, sem dúvida, essa falta de projeto, relacionada à falta de limites e de perspectiva de vida. Um estudo apresentado por Bertolete e colaboradores em 2005, na Revista Brasileira de Psiquiatria, revelou um aumento de dez vezes nos casos de suicídio em jovens de 14 a 24 anos, entre 1980 a 2000. Considerando apenas os homens, o estudo aponta incremento de vinte vezes! Até então a incidência de suicídio era primordialmente em idosos. Desde meu primeiro estudo sobre a família na sociedade moderna, ficou claro para mim que a forma pela qual os pais a partir dos anos 1970 agiam com seus filhos, buscando satisfazer seus mínimos desejos imediatamente abriria espaço para que crescessem com expectativa equivocada de que cada desejo tem que *obrigatoriamente* se realizar – e rápido! Na adolescência e na juventude essas esperanças, que ao longo da infância eram rapidamente atendidas pelos pais, começam a não se concretizar, porque não se trata mais de comprar bugigangas ou brinquedos, e sim de satisfazer desejos mais sofisticados, muitas vezes não tangíveis com dinheiro. Por exemplo: conquistar a garota dos sonhos ou namorar o rapaz que se destaca no grupo; passar no vestibular; ter prestígio com os amigos; ser convidado para todas as festas e reuniões. O jovem, então e pela primeira vez, se defronta com uma realidade da qual não foi preparado. Quem tem estrutura mais forte suporta o “tranco”, mas os menos capazes emocionalmente desestabilizam, podendo se deprimir diante de uma realidade para a qual não se prepararam. Acabam deprimidos, tentam e praticam o suicídio, engrossam as estatísticas tristes, porque não conseguem superar dificuldades que, em outras circunstâncias, seriam vistas como naturais da vida.

Além disso, pais/cuidadores e familiares não percebem que a falta de limites pode gerar a imagem na criança de impressão de abandono, pela falta de orientação e controle dos pais sobre o que pode ou não fazer e a ilusão de que pode fazer e ter o que quiser. É importante para ela a concepção de limites dada pelos pais/cuidadores e familiares, pois, com isso surge sentimento de segurança. O que

pode ou não pode deve ser internalizado pela criança, desde a primeira infância, cabendo aos pais/cuidadores e familiares a importante e fundamental tarefa de estabelecimento de limites e regras básicas (TOAMAZI, 2014).

Porque ninguém, ao vir ao mundo, sabe o que é certo e o que é errado. O ser humano, ao nascer, não tem ainda uma ética definida. E somos nós, especialmente nós, os pais que temos esta tarefa fundamental e espetacular – passar as novas gerações esses conceitos tão importantes e que conferem ao homem sua humanidade (ZAGURY, 2014).

Por outro lado, apesar dos dissabores ocasionados com os efeitos dessa relação que de tanto amor pelos filhos, ficam cegos, deste modo, sem perceber, tornam-se sutis para consolidar atitudes efetivamente imprescindíveis ao desenvolvimento de cidadãos éticos, produtivos e saudáveis psicologicamente. Não obstante, nem tudo está perdido, educar respeitando características e necessidades individuais e pessoais, demonstrar carinho, elogios, sorrisos, cumplicidade são excelentes fontes educacionais.

Porém, se faz necessário equilíbrio, sensatez conseguindo dosar bem o respeito às necessidades. Não existe uma regra mágica para crianças milagrosamente educadas e felizes. Se tratando de educação leva tempo para interiorização e aprendizado. Por isso, paciência e perseverança são palavras-chaves para educação das crianças e adolescentes.

Filhos não nascem com manual de instruções, todavia, é muito mais fácil perder a autoridade do que conquista-la. Portanto, ao lidar com crianças, lembre-se, completa Zagury (2014, p. 23-24-39-79-80):

- Ensinar que existem OUTRAS pessoas no mundo;
- Fazer as crianças compreender que seus direitos acabam onde começam os direitos dos outros;
- Dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário;
- Só dizer “não” aos filhos quando houver uma razão concreta;
- Mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não podem ser feitas;
- Fazer a criança ver o mundo com uma conotação social (com-viver) e não apenas psicológica (o meu desejo e o meu prazer são as únicas coisas que contam);

- Ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que, os problemas de vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade (a criança que hoje aprendeu esperar sua vez de se servida à mesa amanhã não considerará um insulto pessoal espera na fila do cinema ou aguardar três ou quatro dias até que um chefe de um parecer sobre sua promoção);
- Desenvolver capacidade de adiar satisfação (se não conseguir emprego hoje, continuará a lutar sem desistir ou, caso não tenha desenvolvido essa habilidade agirá de forma insensata e desequilibrada, partindo, por exemplo, para a marginalidade, o alcoolismo ou a depressão);
- Evitar que a criança cresça achando que todos no mundo tem de satisfazer seus mínimos desejos e, se tal não ocorrer (o que é mais provável), não conseguir lidar bem com a menor contrariedade, tornando-se, aí sim, frustrado, amargo ou, pior, desequilibrado emocionalmente;
- Saber discernir entre um desejo da criança e uma real necessidade.
- Compreender que se a criança for atendida sempre que grita, bate, quebra coisas, esperneia ou xinga, a criança vai adotando essa mecânica como forma de comunicação e controle do mundo e das pessoas;
- Cumpra o que disse, prometeu, faça (seja prêmio ou consequência);
- Ameaçou, execute;
- Seja coerente, não mude de atitudes como quem muda de roupa (ou de acordo com seu humor);
- Faça com que as crianças assumam gradualmente responsabilidades;
- Critique o ato, nunca a pessoa ou a personalidade de seu filho;
- Não fique “com pena” se a criança ficar triste, chorar ou negar a falar com você, por ter sido responsabilizada. Lembre-se: é melhor que ela fique triste hoje, mas aprenda a respeitar o outro, a si própria e a palavra empenhada, do que sofre amanhã por não ter compreendido como funcionam o mundo e a sociedade. Você é adulto, é que precisa ter uma visão mais ampla e de mais longo prazo.

Com isto, encerram-se as apreciações sobre a apresentação, análise e resultados com a coleta de dados documentais obtidos e recursos utilizados. Percebe-se que, existe uma brecha importantíssima na relação familiar, chamando a atenção à tarefa do repensar dos pais/cuidadores e familiares, em relação aos limites e regras, na ponderação ao amor desmedido a seus filhos. Deixando-se para as considerações finais mais comentários sobre os efeitos nocivos das práticas educativas parentais na ausência de limites e regras na educação infantil.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bases de desenvolvimento tanto físico como emocional do ser humano concentra-se principalmente na infância até a adolescência, oferecendo alicerces psicossociais, intelectuais e emocionais que proporcionarão subsídios para que se tornem adultos saudáveis, conseguindo conduzir com autonomia a suas vidas. Parte desta construção é decorrente a ordem genética herdada de pai e mãe, porém fortalece-se com vínculos seguros em ambiente familiar apropriado.

Constitui-se uma ilusão quando se forma uma linha de pensamento onde apenas cuidados com alimentação, higiene são cuidados básicos para o bom desenvolvimento do bebê, sendo que, os cuidados vão muito além desse amparo primordial. Inevitavelmente, estímulos, afeto, reconhecimento e vínculos seguros são essenciais à formação do ser humano, porém, a acuidade nas regras e limites estabelecidos ao indivíduo que ainda esta em formação é fundamental ao seu desempenho, como indivíduo seguro, capaz de lidar com a complexidade do futuro que esta por vir.

A criança inicia suas primeiras experiências, e com isso seu desenvolvimento no âmbito familiar, por desenvolver seus primeiros contatos e vivencias cotidianas. Diante disso, pais/cuidadores e familiares são fontes primordiais ao desenvolvimento e construção da identificação do indivíduo. Assim, as práticas educativas parentais, constituem papel fundamental a percepção e aprendizado de cada sujeito. Lembrando, que o temperamento faz parte da constituição do ser, nasce com ele, desenvolvendo-se sua composição com estímulos externos.

A questão referente a limites e regras atualmente é complexa, e nos remete a investigação das gerações, que incide os modelos educacionais. Pais/cuidadores e familiares permissivos advêm, neste estudo, de padrões rigorosos, onde, careciam de afeto, atenção e liberdade de expressão. Acabaram por, almejar uma mudança na educação de seus próprios filhos, abolindo tamanha rigidez que os cercavam, refutando os ensinamentos que obtiveram.

As relações familiares sofreram alterações, a geração *Boomers* (indulgentes) trabalharam no sentido de melhorar a convivência, estabelecendo um relacionamento que possibilita a expressão livre de desejos, pensamentos, anseios,



dúvidas e perplexidades. A intenção não foi ruim, ou melhor, essa geração de pais/cuidadores tinham as melhores das intenções, agiram buscando mudança comportamental. Acreditavam ter com seus filhos uma relação de troca, amor e afeto, e também de respeito e suporte. Porém, não se pode assegurar que os objetivos dessa geração foram alcançados tal qual almejavam, porque o excesso em relação à liberdade, num período de vida em que a criança ou adolescente ainda não tem condições para fazer escolhas maduras e responsáveis, impediu que essa verdadeira revolução fosse bem sucedida em sua totalidade.

A geração X (também conhecidos por *baby boomers*) e Y receberam essa liberdade toda como se fosse assim desde a criação do mundo, o que não é uma realidade. Já conheceram o mundo desse jeito. Com espaço para chorar, gritar, espernear, querer isso e depois aquilo, e depois outra coisa ainda. Aliás, muitos nem mesmo sabem que existiu outra maneira de se relacionar com os pais/cuidadores há pouco tempo atrás. Mesmo convivendo atualmente até quatro gerações simultaneamente, não compreendem e nem sentem o que seus pais viveram. Assim, sem sentir ou conhecer, não percebem esse benefício como uma maneira diferente de se relacionar, e sim, como um direito.

Encontramos diversas discussões na literatura sobre o que vem a ser saúde mental, ou, um indivíduo psicologicamente saudável, hoje o ser humano é visto num contexto biopsicossocial. Diante disto, podemos mensurar a importância do meio familiar para constituições de estruturas formadoras do indivíduo. E quem perde com essa permissividade exagerada não é somente o indivíduo, que cresce com uma visão distorcida de seu próprio desempenho, autossuficientes, ansiosos, deprimidos, mas, também os demais que os cercam, que se frustram por não terem conseguido atingir a felicidade ideal de seus filhos.

Embora constituindo um assunto polêmico de acordo com a geração em que se discute o tema, todavia, percebe-se que menos controverso, e, cada vez mais habitual. Tornando-se indispensável discernir limites e regras, não como algo que não pode ser feito, mas, devem ser interpretados como algo positivo, que posiciona o sujeito em suas relações sociais, que auxilia na tomada de consciência de qual a sua opinião ocupa na família, na escola, enfim, na sociedade.

Encontram-se respostas, onde proibir já não é mais proibido, como defendido há algum tempo atrás. Alertando-se para os efeitos psicológicos e sociais da liberdade excessiva e da falta de autoridade dos pais/cuidadores e familiares. Com o objetivo maior com que os pais/cuidadores e familiares readquiram a percepção de que seu papel principal é o de construir cidadãos saudáveis psicologicamente e emocionalmente, para que, com isso, sejam capazes de enfrentar as adversidades sociais. A felicidade tão desejada pelos pais/cuidadores e familiares a seus filhos será uma consequência de variáveis subjetivas encontradas em seus caminhos, e, não, algo que se encontre pronto com em manual de instruções.

Neste pensar, fazendo articulações dos efeitos nocivos nas práticas educativas parentais na ausência de regras e limites, pelo modelo educacional utilizado, e, como cada indivíduo encontra as respostas aos eventos positivos e negativos vivenciados, avalia-se que cada sujeito encontra formas diferentes de encarar o meio. Podendo, ou não, desenvolver esquemas desadaptativos, que seria a forma mais drástica de afetar o indivíduo, ocasionando danos no cotidiano. Ou seja, as formulações feitas por si próprias para suprir as adversidades, a fim de sobreviver às situações que julgue de enfrentamento.

Em linhas finais, é certo que as famílias estão passando por uma crise onde, a passagem da opressão que era o modelo da educação que se tinha com os veteranos, um modelo com privações, vem sendo substituído por satisfazer os desejos e vontades dos filhos, para compensar o que os pais *Boomers* (indulgentes) não tiveram. As inseguranças dos pais modernos tendem a valorizar os mínimos desejos dos filhos, invertendo o modelo anterior, que se caracterizava justamente pela rigidez e inflexibilidade. Com isso, acarreta prejuízos de determinada maneira ao indivíduo e a quem o cerca, com maior ou menor intensidade, de qualquer forma quem vivencia uma educação com excesso de permissividade vai apresentar características danosas.

Ratifica-se, por fim, que educar sempre envolveu erros e acertos. Nenhum pai ou mãe precisa ter uma receita infalível de como criar os filhos, mas, a pior coisa a ser feita é deixar as crianças entregues à própria sorte. Nenhuma criança por mais inteligente e genial que seja, tem capacidade de educar a si própria e preparar-se sozinha para os desafios da vida. Essa tarefa é dos pais/cuidadores e familiares.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Maria Amália de F. Pereira; Rosa, Maria Virgínia de. **Metodologia para Ciência e Técnicas de Redação Científica**. 2<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: Fabris, 2001.

BECK, Judith S. **Terapia Cognitiva: Teoria e Prática**. Porto Alegre. Artes Médicas editora, 1997.

CARVALHO, Mariana S. Della Pace de; SILVA, Barbara M. Barbosa. ESTILOS PARENTAIS: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Revista Psicologia em Foco**. 2014, v. 6, n. 8, p. 22-42. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1571/1768>. Acesso em: 10/10/2016.

CASSONI, Cynthia. **ESTILOS PARENTAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS: REVISÃO SISTEMÁTICA E CRÍTICA DA LITERATURA**. 2013. Ribeirão Preto/SP. Universidade de São Paulo.FFCLRP – Departamento de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/MESTRADO\\_CYNTHIA\\_CASSONI%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/MESTRADO_CYNTHIA_CASSONI%20(1).pdf) Acesso em: 11/10/2016.

CHISTÉ, Alexandra M. de Silva; et al. **LIMITES NA MEDIDA CERTA**. 2012. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-da-familia/limites-na-medida-certa>. Acesso em 15/11/2016.

CURY, Augusto Jorge. **PAIS BRILHANTES, PROFESSORES FASCINANTES**. 11<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ESPEREDIÃO, Antônio Vanderson; et al. NEUROBIOLOGIA DAS EMOÇÕES. **Revista de Psiquiatria Clínica**. 2008, 55-65. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v35n2/a03v35n2>. Acesso em: 05/11/2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, Arilda Schimidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v. 35, n. 2, p.57-63, Mar/abril 1995-2. Disponível em: <http://biblioteadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/download/38183/36927>. Acesso em: 23/11/2016.

ISOPPO, GraziellaSanco de Lima. **TERAPIA FOCADA EM ESQUEMAS E PERSONALIDADE NARCISISTA: UM ENTENDIMENTO ACERCA DESTE TRANSTORNO**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/62375/000869095.pdf?sequence=1>. Acesso em: 31/10/2016.

KNAPP, Paulo; BECK, Aarom. FUNDAMENTOS, MODELOS CONCEITUAIS, APLICAÇÕES E PESQUISA DA TERAPIA COGNITIVA. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2008; 30 (Supl II): S54-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30s2/a02v30s2.pdf>. Acesso em: 11/09/2016.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade. LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso**. São Paulo: Atlas, 2000.

MONDIN, Elza Maria Canhetti. **PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS E SEUS EFEITOS NA CRIAÇÃO DOS FILHOS**. *Psicol. Argum.* 2008. 233-244. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/pa-2498%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/pa-2498%20(2).pdf). Acesso em: 13/10/2016.

MOTTA, Alda Britto; WELLER, Wivian. **APRESENTAÇÃO: A ATUALIDADE DO CONCEITO DE GERAÇÕES NA PESQUISA SOCIOLÓGICA**. *Soc. estado*. [online]. 2010, vol.25, n.2, pp.175-184. ISSN 0102-6992. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200002>. Acesso em: 09/10/2016.

NICOLIELO, Bruna. INDISCIPLINA: PLANO DE AÇÃO. **Revista Claudia**. 2016. No. 8, ano 55 – 164/167.

OLIVEIRA, Margareth Silva; ANDRETTA, Ilana. **MANUAL PRÁTICO DE TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL**. São Paulo. Casa do Psicólogo. Editora Casapsi. 1ª. ed. 2001.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, Sybele Barros de; RIBEIRO, Fatima Lucia Soarez. **A CONSTRUÇÃO DOS LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMPASSOS E DESCOMPASSOS ENTRE DIZER E O FAZER**. 2012. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/UFPB/REL/v02n04/v02n04a07.pdf>. Acesso em: 10/11/2016.

PELT, Nancy Van. **FILHOS EDUCANDO COM SUCESSO: COMO PREPARAR OS FILHOS PARA UMA VIDA FELIZ E VITORIOSA**. São Paulo. Casa Publicadora Brasileira. 1ª. ed. 1996.

SANTOS, Cristiane Ferreira dos; et al. **O PROCESSO EVOLUTIVO ENTRE AS GERAÇÕES X, Y E BABY BOOMERS**. 2011; XIV SemeAD – Seminários em Administração, ISSN 2177- 3866. Disponível em: [http://www.professores.uff.br/screspo/PSI\\_P2\\_artigo9.pdf](http://www.professores.uff.br/screspo/PSI_P2_artigo9.pdf). Acesso em 09/10/2016.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **MENTES INQUIETAS: TDAH; DESATENÇÃO; HIPERATIVIDADE E IMPULSIVIDADE**. 4ª. ed. São Paulo: Globo editora, 2014.

SOUZA JÚNIOR, Marcilio Barbosa Mendonça de. MELO, Marcelo Soarez Tavares de. SANTIAGO, Maria Eliete. **A ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO FORMA DE TRATAMENTO DOS DADOS NUMA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Movimento. Porto Alegre. V. 16, n.3, p. 31-49, julho/setembro 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/11546/10008>. Acesso em: 23/11/2016.

TIBA. Içami. **DISCIPLINA: LIMITE NA MEDIDA CERTA**. Novos paradigmas. Ed. revisada atual. e ampl. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

TOMAZI, Gisele. **TRABALHANDO LIMITES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2014. Disponível em: <http://centraldeinteligenciaacademica.blogspot.com.br/2014/01/trabalhando-limites-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 13/10/2016.

WAINER, Ricardo; et al. **TEORIA COGNITIVA FICADA EM ESQUEMAS**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2016.

WRIGHT, H. Jesse; BASCO, R. Monica; THASE, E. Michael. **APRENDENDO A TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL**. São Paulo. Editora Artmed, 2000. Tradução: Mônica Giglio Armando.

YOUNG, Jeffrey E. **TERAPIA COGNITIVA PARA TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE: UMA ABORDAGEM FOCADA EM ESQUEMAS**. 3ª. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_  
Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **TERAPIA DO ESQUEMA: GUIA DE TÉCNICAS COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS INOVADORAS**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2008.

ZAGURY, Tania. **LIMITES SEM TRAUMA: CONSTRUINDO CIDADÃES**. 91ª. ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2014.

\_\_\_\_\_  
Tania. **EDUCAR SEM CULPA: A GÊNESE DA ÉTICA**. 29ª. ED. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2015.

\_\_\_\_\_  
Tania. **FILHOS MIMADOS, PAIS NEGLIGENCIADOS: EFEITOS COLATERAIS NA EDUCAÇÃO SEM LIMITES**. 1ª. ed. Rio de Janeiro. Record, 2015.